

Prefeitura Municipal de Florianópolis
Secretaria Municipal de Educação
Diretoria de Educação Infantil

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS



Volume III
2015

Ficha técnica

Coordenação Geral

Diretoria de Educação Infantil

Revisão

Sidneya Gaspar de Oliveira

Design Gráfico

Victor Francisco Marcílio

Consultora

Angela Maria Scalabrin Coutinho

Colaboradores

Alexandre Fernandes Vaz

Ana Angélica Albano

Suely Amaral Mello

Zoia Prestes

Prefeito Municipal de Florianópolis

Cesar Souza Júnior

Secretário Municipal de Educação

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

Secretária Adjunta

Maria José da Costa Brandão

Diretora da Educação Infantil

Sonia Cristina de Lima Fernandes

Gisele Pereira Jacques - 2015

Gerente de Articulação Pedagógica

Cristina Doneda Losso

Gerente de Atividades Complementares

Janete Aparecida de Oliveira da Silva

EQUIPE

Assessoras Pedagógicas

Ana Regina Ferreira de Barcelos

Andréa Alzira de Moraes

Débora Raquel Schutz

Edna Aparecida Soares dos Santos

Elaine de Paula

Fabília Luiz Souza

Marlise Oestreich

Nicole Foerth de Araújo Fernandes

Rosetenair Feijó Scharf

Rosinete Valdeci Schmitt

Rozana Maiza Vicente

Samantha Fernandes da Silva

Tatiana Valentin Mina Bernardes

Vanessa de Souza Bernardes Camani

Viviane Vieira Cabral

Zenaide de Souza Machado

Zenilda Ferreira de Francisco

Assessoras Administrativo Pedagógicas

Ana Paula Geraldi

Karyn Christina Zimmerman

Kathia Soares da Cunha Macedo

Suzete Juracy Garcez Farias

Estagiária

Natali de Souza Anhaia

Editoração, Impressão e Acabamento:

CGP SOLUTIONS

Tel.: (31) 3088-2331 - Betim - MG

Índice

Apresentação	7
Introdução	9
PARTE I	
Brincadeira	15
PARTE II	
Núcleos da Ação Pedagógica	
Relações Sociais e Culturais	35
Linguagens	63
Linguagens Oral e Escrita	67
Linguagens Visuais	92
Linguagens Corporais e Sonoras	116
Relações com a Natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos e seres vivos	134
Referências Bibliográficas	173



Apresentação

(...) Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. (Carlos D. de Andrade)

A Educação Infantil do Município de Florianópolis apresenta muitos desafios. Entre eles, encontra-se o de apresentar à Rede Municipal de Educação uma proposta político-pedagógica, por meio de um currículo que garanta às crianças pequenas o direito a um atendimento acolhedor, afável, educativo, lúdico, seguro que lhes permita se apropriarem das linguagens e dos saberes que permeiam as relações sociais.

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (resolução CME/CED n.º 05/20009)

O livro, que temos a honra de apresentar, é resultado de um trabalho coletivo de reflexão e orientação, e está organizado em quatro dimensões com indicativos para o planejamento articulado em grupos etários, delimitando o que é fundamental ser considerado, nas propostas para as crianças.

Enfatiza a importância da brincadeira com intencionalidade pedagógica e a estruturação do cotidiano, mediante o processo de planejamento, observação, registro, avaliação e replanejamento.

O **“Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis”** sintetiza, pois, a experiência de seus educadores e de seus consultores externos que vivenciam o fazer diário nas Creches e Núcleos de Educação Infantil, orientando o trabalho com as crianças nas diferentes etapas de seu desenvolvimento.

Cumprimentamos a Diretoria de Educação Infantil pela organização de todo o material; aos autores(as) pelas pesquisas e dedicação; a todos os profissionais comprometidos com a educação infantil e, principalmente, às crianças, razão maior de todo este estudo.

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

Secretário Municipal de Educação



Introdução

DAS UTOPIAS

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

Mário Quintana

Este é o terceiro volume de um conjunto de documentos¹ elaborados a partir de 2008, que visa a definir as bases para a estruturação de orientações curriculares para a educação infantil municipal em Florianópolis. Antecedem a sua elaboração, as Diretrizes Educativas Pedagógicas para a Educação Infantil, publicadas em 2010 e as Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal, de 2012.

A elaboração de tais documentos se insere em um movimento de qualificação da prática pedagógica desenvolvida nessa rede, reconhecendo que os profissionais que atuam com as crianças são autores de práticas que partem de dadas teorias, ao mesmo tempo em que as produzem. Esse processo de dialogismo fica expresso no próprio encaminhamento da síntese desse conjunto de orientações, que contou a todo o momento com as valiosas contribuições desses sujeitos.

Nessa perspectiva, esses documentos que se propõem serem mediadores curriculares, foram escritos a muitas mãos, característica importante para documentos que visam a ser interpelados e apropriados por um conjunto extenso de pessoas. As orientações curriculares (FLORIANÓPOLIS, 2012) contaram com a consultoria de um grupo de especialistas que delineou um texto base amplamente discutido pela Rede Municipal de Educação Infantil, entre os anos de 2010 e 2012, e incorporou grande parte das percepções dos profissionais em sua versão final. Já o currículo para a rede municipal, ou seja, o texto que é nesse momento apresentado é decorrente do anterior, e se faz necessário para o refinamento das orientações curriculares para a prática pedagógica, ele foi

¹ Cabe salientar que os documentos a que aqui se refere são apenas os elaborados no recente movimento de sistematização do currículo para a educação infantil, tendo em vista que a Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis tem outros documentos que foram criados anteriormente e que demarcam outro momento histórico.

intensamente discutido e sistematizado pelo grupo de supervisores e coordenadores pedagógicos das creches e Núcleos de Educação Infantil – NEI municipais e pelas assessoras pedagógicas que compuseram a equipe da Diretoria de Educação Infantil no segundo semestre de 2013 e primeiro de 2014.

Essa sistematização do currículo parte das Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal de 2012, mas não só, é a síntese do confronto destas com a documentação produzida pelas profissionais das instituições de educação infantil, quais sejam, os registros e planejamentos, apresentados pelas supervisoras e analisados ao longo do processo de escrita deste documento. Esse elemento é fundamental no sentido de reconhecer que as experiências do cotidiano das instituições revelam aspectos ao currículo que ainda não estavam evidentes e que o processo de documentação permitiu identificar.

Para dar sustentação teórica ao movimento de refinamento das orientações curriculares foram organizados momentos de estudo e diálogo com quatro consultores: Alexandre Fernandez Vaz, que abordou o conceito de experiência e corpo; Ana Angélica Medeiros Albano, que tratou das artes visuais e das relações com a natureza; Suely Amaral Mello, com a linguagem oral e escrita e relações sociais e culturais; Zoia Ribeiro Prestes, que tratou do conceito de brincadeira e desenvolvimento.

Os encontros com os professores consultores permitiram ao grupo que se ocupou da sistematização do currículo – que para esses encontros e estudos se dividiu em quatro grupos de trabalho com as temáticas supramencionadas – apresentar as experiências da Rede Municipal de Educação Infantil nos temas tratados, aprofundar a compreensão dos conceitos por meio de leituras e diálogo com os consultores.

Nesse sentido, muito do que foi tratado nesses encontros está presente no texto, ainda que não seja diretamente referenciado, tendo em vista que todo esse processo de estudo e formação embasa as escolhas realizadas na escrita do texto, bem como algumas conceitualizações iniciais apresentadas nessa introdução.

Nos encontros com os consultores, a qualidade das Orientações Curriculares foi reiterada, o que mobilizou ainda mais o grupo a se dedicar ao seu refinamento. Esse comprometimento se alia ao fato de que elaborar um currículo para a educação infantil é um ato político assumido pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, consciente do importante papel que desempenha na salvaguarda do direito das crianças de 0 até 6² anos a terem uma educação pública, gratuita e de qualidade. Posiciona-se, pois, enquanto responsável pelos processos de estudo e sistematização da intencionalidade pedagógica implicada na educação formal desenvolvida nas instituições municipais.

Ao explicitar que opta por ter um currículo sistematizado e comum para a rede pública municipal, Florianópolis assume pressupostos e perspectivas de trabalho e as torna públicas, promovendo um rico cenário de debates e de confronto de concepções que precisam ser compreendidas e inseridas nos contextos das creches e NEIs.

Os primeiros pressupostos anunciados, já nas diretrizes municipais de 2010, dizem respeito à própria concepção de **educação infantil**:

[...] como primeira etapa da educação básica, cuja função sustenta-se no respeito aos direitos fundamentais das crianças e na garantia de uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas (linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural), realizando-se através de uma ação intencional orientada de forma a contemplar cada uma destas dimensões como núcleos da ação pedagógica. (ROCHA, 2010, p. 12)

Interessa-nos, de modo especial, reafirmar que a intencionalidade pedagógica acima referida depende da organização sistemática das propostas por meio de **estratégias da ação pedagógica**, desse modo, cabe aos profissionais que atuam com as crianças, mediante o processo de planejamento, observação, registro, avaliação e replanejamento, estruturar o cotidiano tendo em conta toda a riqueza que o compõe.

Outro aspecto bastante importante é a orientação de que cabe à educação infantil promover o desenvolvimento integral das crianças, o que implica considerá-la nas suas múltiplas dimensões humanas, de modo indissociável e partilhar tal objetivo com as famílias. Portanto, para promover o desenvolvimento integral da criança devem ser asseguradas vivências que considerem suas necessidades, interesses e direitos, tendo o educar e cuidar como base, o que exige a “[...] consideração das formas como as crianças, nesse momento de suas vidas, vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, expressam-se, integram e manifestam desejos e curiosidades de modo bastante peculiares” (BRASIL, 2009a, p. 22).

As propostas a serem desenvolvidas partem da viva defesa de que **as crianças** são os sujeitos centrais do planejamento, como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009b), que estas vivem **infâncias** diversas, que precisam ser consideradas ao se objetivar a ampliação, diversificação e complexificação dos seus repertórios de conhecimentos e culturais. Sendo assim, cabe-nos definir quais são os pontos de partida para a composição de um

² Embora os documentos legais refiram-se ao direito a educação infantil às crianças de 0 a 5 anos, optamos por utilizar 0 até 6 anos considerando que há crianças com 6 anos que frequentam as instituições de educação infantil desta rede, já que a matrícula para o ensino fundamental delimita a idade de até 6 anos completados até 31 de março.

currículo que se efetiva a partir de uma base definida como fundamental às experiências educativas formais das crianças e em relação com tudo aquilo que elas trazem para as instituições, a sua curiosidade, as suas experiências de vida, os seus jeitos de perceber e significar o mundo.

Um ponto de partida importante é a compreensão de que organizamos nas instituições de educação infantil variadas propostas para as crianças. Estas propostas, que englobam todas as situações de educação e cuidado cotidianos, pressupõem que as crianças tenham a possibilidade de ter vivências intencionalmente organizadas pelas profissionais³, entendendo **vivências** como o que é vivido no âmbito dos sentidos, da percepção. Já a **experiência** se caracteriza como o que fica na memória, o que pode ser narrado. Nesse sentido, a experiência é aquilo que dura e, para tal, o planejamento e a constância nas proposições são fundamentais.

Muitas vezes, a ideia de experiência é confundida com a de vivência [...]. Somos expostos cotidianamente a inúmeras situações, às vezes conhecidas, outras vezes novas. Mas nem todas se constituem em experiência educativa. Uma análise de um dia vivido na instituição de Educação Infantil pode apontar uma lista de inúmeras atividades pelas quais as crianças e professores passam e que pouco as afetam. Atividades com pouco ou nenhum desafio [...]. Mas a mais importante característica dessa experiência reside na sua capacidade de transformação. A experiência é fruto de uma elaboração, portanto, mobiliza diretamente o sujeito, deixa marcas, produz sentidos que podem ser recuperados na vivência de outras situações semelhantes, portanto, constitui um aprendizado em constante movimento. Aprender em si mesmo, como processo que alavanca o desenvolvimento, é uma experiência fundamental às crianças e compromisso de uma boa instituição educativa (AUGUSTO, 2013, p. 20).

A partir das reflexões de Silvana Augusto, pode-se inferir que muitas propostas se colocam no âmbito das vivências, mas o desafio e a responsabilidade das instituições de educação infantil são organizar situações que considerem as experiências anteriores das crianças e consolidem novas experiências, mediante o proposto pelas profissionais e as relações vivenciadas pelas crianças.

Outro conceito fundamental à compreensão das finalidades de um currículo para a educação infantil é o de **desenvolvimento**. Para Zoia Prestes (2008), desenvolvimento é a emergência do novo, que surge na infância, sobretudo, com a atividade do brincar, sendo este um processo ininterrupto de mudanças. Sob esse ponto de vista, o desenvolvimento não é linear ou natural, tampouco é resultado apenas de um amadurecimento biológico. O desenvolvimento é consequên-

³ Optamos por utilizar o termo profissionais no feminino pela presença majoritária de mulheres na Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis.

cia das relações sociais e, portanto, torna-se fundamental a intencionalidade na organização das condições para que as relações entre as crianças ocorram no contexto da educação infantil.

A criação do novo, portanto, será gerada pelas vivências organizadas, propostas e complexificadas. A condição essencial para esse desenvolvimento (em que se inclui a fala, o pensamento, o movimento, a imaginação, a memória, a atenção) das crianças tem como um de seus impulsionadores a atividade do brincar.

Os conceitos apresentados têm como finalidade ajudar a compreender qual é o papel da educação formal na vida das crianças e que é fundamental que as profissionais atribuam sentido e coerência ao que propõem a elas todos os dias. Nesse sentido, temos o papel de elaborar propostas e desenvolvê-las, tendo clareza de que podem ficar no âmbito da vivência, ou seja, no exercício dos sentidos, ou se consolidarem como experiências, o que se guarda na memória, ainda que a memória seja composta por lembrança e esquecimento, aquilo que se partilha por meio das narrativas, entendendo que ambas promovem o desenvolvimento das crianças.

A brincadeira ocupa um lugar central no currículo, lugar esse já definido nas orientações curriculares do município, que apresentam a brincadeira como eixo estruturador e estruturante das propostas. A brincadeira de faz-de-conta é uma das atividades-guias da criança, o que não significa que seja a atividade que mais tempo ocupa ou que seja a mais importante ou a única presente naquela etapa do desenvolvimento. É guia porque, em certa idade, vai guiar o desenvolvimento psicológico da criança, gerando neoformações. A atividade guia na infância não tem determinados tempo e espaço para acontecer, pois é inventada pela criança e regulada por ela (PRESTES, 2008).

Ainda compõem o currículo da Educação Infantil Municipal os **Núcleos de Ação Pedagógica** - NAP quais sejam: **Relações Sociais e Culturais, Linguagens e Relações com a Natureza**.

Como é de conhecimento, mas também necessário relembrar, estas dimensões do currículo estão relacionadas, tendo em vista que:

[...] as formas privilegiadas, pelas quais as crianças expressam, conhecem, exploram e elaboram significados sobre o mundo e sobre sua própria identidade social, indicam a impossibilidade de organizar e planejar de forma separada e parcial cada um dos diferentes núcleos da ação pedagógica na educação infantil (ROCHA 2010, p. 13).

Esse dado é importante porque ele incide na própria organização desse documento, pois há indicativos para as propostas que se repetem em diferentes NAP e na brincadeira, contudo a opção por mantê-los se deve a sua importância e relação com as diferentes dimensões do currículo. Outro

aspecto importante é a própria organização do documento, que apresenta indicativos para a organização das propostas às crianças seguindo uma estrutura comum. Esta estrutura se justifica, sobretudo, pelo objetivo de complexificar os repertórios culturais e de conhecimentos das crianças, isto porque há crianças que passam até 6 anos da sua vida em uma instituição de educação infantil e aquilo que vivem nesse espaço deve ser organizado em uma perspectiva de constância, de continuidade, mas também de aprofundamento.

Sendo assim, o documento está organizado pelas dimensões do currículo: Brincadeira; Núcleo de Ação Pedagógica: Relações Sociais e Culturais; Núcleo de Ação Pedagógica: Linguagens e Núcleo de Ação Pedagógica: Relações com a Natureza. Cada uma dessas dimensões apresenta indicativos para o planejamento organizados em grupos etários, sendo eles: os bebês até 1 ano e 11 meses; crianças bem pequenas – 2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses; e crianças pequenas – entre 3 anos e 11 meses a 5 anos e 11 meses⁴. Ainda será possível encontrar indicativos agrupados para todos os grupos etários. Salienta-se que essa divisão etária tem por objetivo perspectivar a complexificação das propostas e do processo de aprendizagem das crianças, contudo não há uma fronteira rígida entre esses grupos, portanto, por vezes pode-se avaliar a necessidade de proposição de determinadas situações previstas para um dado grupo etário para outro.

Cabe enfatizar que esses indicativos têm por objetivo delimitar o que é fundamental ser considerado nas propostas para as crianças, contudo quem fará a seleção, a mediação e efetivará o currículo são as profissionais na relação com as crianças.

O que aparece expresso nesse documento é uma síntese aprofundada, desenvolvida pelos supervisores, professores que auxiliam nas questões pedagógicas nas unidades educativas e assessoras da Diretoria de Educação Infantil, a partir dos documentos elaborados anteriormente, como citado inicialmente, no confronto com planejamentos e registros das profissionais que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal. Dessa forma, não se trata de um “novo” currículo, mas da sistematização do que já está anunciado em outros documentos e do que se faz no cotidiano das instituições.

Por fim, a ênfase dada ao papel das profissionais remete ao fato de que o desenvolvimento das crianças não se dá de forma espontânea, ele precisa ser mediado. Nessa perspectiva, a professora precisa selecionar o que irá propor a partir das concepções previstas nos documentos da rede, no sentido de assegurar que a instituição educativa cumpra o seu papel, portanto, esse documento por si só não efetivará uma educação infantil de qualidade: é nas relações humanas que ela se torna possível.

⁴ Grupos etários definidos no documento “Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal” (FLORIANÓPOLIS, 2012).

Brincadeira



*Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente, o sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão
Me fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude, o solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança o menino me dá a mão
Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração
toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão.*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Esta breve introdução tem como objetivo convidar as profissionais da Educação Infantil para uma reflexão sobre a importância da brincadeira para as crianças de 0 a 6 anos e, nesse aspecto, apontar propostas pedagógicas de modo a estruturar os espaços, os tempos e os materiais para as crianças brincarem.

Iniciemos com a concepção de brincadeira que move a prática pedagógica na Educação Infantil do Município de Florianópolis. A brincadeira é uma ação social, concordamos com o professor francês Gilles Brougère, quando esse anuncia que “[...] o brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social concisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (2002, p. 20).

Nesse sentido, compete aos profissionais da educação infantil inserir as crianças nas brincadeiras, desde a mais tenra idade, ao mesmo tempo em que propõem, organizam e dispõem ambientes

e componentes, materiais e imateriais, que potencializem as experiências dos diferentes grupos de crianças.

Evidencia-se então, que as relações sociais e as brincadeiras são premissas para o desenvolvimento das crianças na educação infantil e, portanto, precisam ser consideradas no planejamento. Mas, quais as possibilidades da brincadeira para o desenvolvimento das crianças de diferentes grupos etários?

Para os bebês, muito antes da linguagem verbal, há um encontro com seu corpo, com os objetos, com o outro que está à sua volta e com experiências sensoriais, em que explora cheiros, sons, texturas, cores e sabores, sendo estas algumas de suas portas de acesso ao ‘mundo’.

Há maneiras variadas de brincar para os bebês, porém, para que essas aconteçam, é fundamental o estabelecimento de relações qualitativas entre o bebê e o adulto na creche, assim como com as crianças de outras idades. Estes adultos, ao mesmo tempo em que realizam a significação do mundo para os bebês, são afetados pelas manifestações destes, o que pode provocar mudança de ações no cotidiano.

É necessário, então, planejar e organizar tempos, espaços, materiais, brinquedos e brincadeiras aos grupos dos bebês, no entanto, esse planejamento e organização não devem se restringir apenas às salas de referência destes, tampouco obstar sua relação com as crianças de outros grupos. Faz-se necessário potencializar os processos de socialização no interior das brincadeiras, experiências e saberes que o encontro com crianças de diferentes idades permite.

Para as crianças bem pequenas, a relação de dependência⁵ com relação aos adultos vai gradativamente diminuindo⁶. Nessa idade, surgem outras necessidades que a conduzem para o ato de brincar, especialmente, por meio da imaginação e do faz de conta, que lhe possibilita a realização de seus desejos e de ser o que não é na vida real. Segundo Vigotski (2008), quando a criança começa a brincar de faz de conta, a ação prevalece sobre o significado, as crianças ainda precisam de objetos que comportem a ação real. O ato imaginário, neste sentido, ainda que não esteja ausente na faixa etária anterior, **constrói as bases** para o desenvolvimento dos processos de criação das crianças nessa idade.

⁵ Quando fazemos referência ao termo dependência implica fazer uma reflexão em relação a interdependência, haja vista, que a forma relacional que guia a ação docente está implicada com as ações e modos relacionais das crianças consigo e com o mundo.

⁶ A diminuição de dependência da criança em relação ao adulto não exige a profissional de organizar os espaços, tempos e materiais, bem como mediar as situações de brincadeira.

Quanto às crianças pequenas, é por meio da brincadeira que “[...] combinam o que viram, ouvem, sentiram e criam as situações imaginárias.” (PRESTES, 2012, s/p). As crianças desempenham uma relação mais elaborada entre os objetos, as situações concretas e os significados. O significado prevalece sobre a ação. Nessa idade, a situação imaginária passa a ser mais intensa, já que ela é o aspecto fundamental da brincadeira, “é o novo degrau da abstração, da ação deliberada e da liberdade” (*ibidem*). Para Zoia Prestes, a brincadeira de faz de conta passa a ser a atividade guia que impulsiona o desenvolvimento da criança.

Bebês:



Propostas que possibilitem a interação e o estabelecimento de comunicação entre as profissionais e os bebês e entre estes e as demais crianças ao manipular e brincar com diferentes objetos que promovam ações como: entrar, sair, empilhar, derrubar, bater, puxar, empurrar, colocar, tirar, balançar. Tais objetos podem ser latas, caixinhas, embalagens, legos gigantes, caixas vazadas, potes com tampas de diferentes tamanhos, painéis com zíper, botão, velcro, móveis com elástico para puxar, balde com peças para colocar dentro, toquinhos de madeira, tapetes sensoriais.



Organizar vivências com brinquedos e materiais que provoquem o deslocamento e ampliação dos movimentos das crianças, tais como: brinquedos para empurrar e puxar, caixas grandes, rampas e escorregadores, tendas em diversas formas e cores, piscina de bolinhas, blocos e rolos de espuma, tatames para rolar, rolos infláveis, túneis, centopeias, cabanas com tiras para entrar e sair, obstáculos para escalar.



Exploração de diferentes estruturas e materiais no parque como: escorregadores, gangorras, percursos inclinados, balanços, colchonetes, rolos, cordas, filetes de madeiras, troncos, tecidos; situações que as desafiem a se relacionar com as demais crianças, a ampliar seus movimentos e construir diferentes experiências corporais.



Planejar saídas regulares com os bebês nos espaços externos da unidade para que compartilhem experiências com seus pares, apreciem e explorem os diferentes ambientes e elementos da natureza, tais como: areia, água, pedrinhas, folhas, plantas, árvores, pássaros.

Disponibilizar e brincar com os bebês nas áreas externas da unidade educativa utilizando materiais, tais como, bacias, potes, funis, loucinhas, pzinhas, peneiras, água, areia, lama, pedras. Para possibilitar o trânsito dos bebês para as áreas externas, pode-se convidar as crianças maiores para ajudar e para brincar. A possibilidade de observação e interação amplia as experiências, tanto dos bebês, quanto das crianças de outras idades.

Disponibilizar, nos dias quentes, nas áreas externas e protegidas do sol e, sob o olhar atento das profissionais, espaços com água, seja em tanques, piscinas, bacias ou banheiras. A brincadeira na água pode ser incrementada com objetos para encher e esvaziar, para flutuar, para brincar com

livros de plástico. O esguicho com mangueira pode também chamar a atenção dos bebês e, portanto, ser uma proposta interessante.

Proporcionar um ateliê a céu aberto no parque, compreendido como um cenário lúdico que pode provocar as ações dos bebês, recebendo estruturas móveis, brinquedos e cores que instiguem a curiosidade.

Disponibilizar cestos, a exemplo do “cesto dos tesouros”⁷, ou caixas para manuseio com diferentes materiais, dentre estes, objetos de metais, de couro, têxteis, borracha, papel, papelão, lixa.

Organizar brincadeiras e experiências sensoriais que possibilitem, aos bebês, explorar a textura, temperatura, odor, sabor, cor, sons produzidos, como:

- 1- Preparo e exploração de gelatinas⁸ com corantes naturais e mingaus onde poderão ser incluídos objetos ou materiais como, por exemplo: brinquedos, frutas;
- 2- Confeção e exploração de tintas feitas com produtos naturais e outras misturas;
- 3- Realização de misturas de materiais diversos como: terra, areia, argila, água, farinha, tinta, óleo.



⁷ Cesto dos Tesouros: essa indicação inspira-se na proposta do “Cesto dos Tesouros”, desenvolvida por Elinor Goldschmied (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2010), como estratégia metodológica para a organização do trabalho pedagógico com bebês, principalmente os de 06 a 12 meses de idade. Trata da disposição de materiais escolhidos cuidadosamente e organizados em uma cesta a ser disposta em determinados momentos previsto pelo profissional. Não são brinquedos, mas objetos de origem diversa, que possibilitam a exploração e a criação pelos bebês. Exemplos: novelos de lã, lenços, espremedor de alho e de frutas, colher de pau e de metal, correntes grossas ou finas, cascas de coco, frutas, sementes grandes, potes de metal, molhos de chave, conchas, tubos, cones, escovas, flautas de madeira, argolas, tecidos, fita, pedras de diferentes texturas e tamanhos, dentre outros.

⁸ Salienta-se que a utilização de produtos alimentícios deve seguir as normativas presentes na Portaria 221/2013 que dispõe sobre o comércio doação e a utilização de alimentos nos espaços da rede municipal de ensino.

4- Exploração de elementos variados como sementes grandes, folhas, gravetos, dentre outros objetos que não ofereçam perigo aos bebês, em suportes como caixas, baldes, bacias, painéis.

Oferecer e explorar com os bebês e, em diferentes situações, objetos e instrumentos que produzam diferentes sonoridades: brinquedos musicais, objetos de madeira, metal, tubos e canos, sinos, despertadores, varais com materiais multicoloridos e sonoros, cortinas com aplique de chocalhos e outros materiais.



Organizar brincadeiras com e entre os bebês que envolvam imitações de sons, falas, gestos, a partir de músicas, histórias conhecidas e de livros apresentados.

Inserir nas brincadeiras, materiais relacionados ao uso social da linguagem escrita, tais como: revistas, panfletos, folhetos, livros diversos, gravuras diversas.

Introduzir nas brincadeiras, diferentes materiais que possam relacionar-se às linguagens visuais, possibilitando às crianças experimentarem e produzirem marcas de diferentes maneiras. Dentre os materiais possíveis estão: tintas, pincéis, giz de cera, papéis de diferentes cores, texturas e tamanhos, argila, massas de modelar, lanterna, caixa de luz.



Contemplar nas brincadeiras, as especificidades das crianças com deficiência. Propor situações e materiais que deem condições para que todos os bebês possam participar.

Organizar espaços com elementos que permitam às profissionais brincar com os bebês, reproduzindo ações que eles vivenciem ou visualizem no dia-a-dia, como alimentar-se ou alimentar o outro, realizar cuidados com o próprio corpo, dormir. Utilizar brinquedos ou materiais relacionados a estas ações: bonecas, panos, roupinhas, fraldas, mamadeiras, loucinhas, ferramentas e acessórios como bolsas, chapéus, bonés, colares, sapatos, pista de carrinhos, casinha com dormitório, cozinha e sala.

Construir cabanas ou túneis, que criem zonas circunscritas ou atravessem a sala e outros espaços. No interior destes pode-se contar histórias, brincar de faz de conta ou de esconder. Montar e desmontar estas áreas com a participação gradativa dos bebês utilizando tecidos, cobertores ou toalhas, caixas, mesas, cadeiras, bancos, varais, prendedores.



Organizar na sala de referência, espaços pequenos e aconchegantes com nichos acolchoados, espaços fechados por cortinas onde as crianças se sintam seguras e protegidas para explorar individualmente ou em pequenos grupos. Inserir nestes espaços, tapetes de colchões, prateleiras vazias, caixas de papelão, varais com tecidos.



Diversificar as brincadeiras nos diferentes espaços organizados pelas profissionais por meio de ações compartilhadas com crianças de outros grupos etários.

Organizar e disponibilizar os brinquedos em estantes e prateleiras baixas, caixas transparentes, caixas de madeira e papelão de forma que fiquem acessíveis aos bebês.

Mobilizar os bebês para que ajudem a guardar os brinquedos nos recipientes ou lugares combinados e a organizarem a sala junto com as profissionais.



Crianças bem pequenas:



Planejar espaços semiestruturados⁹ que possibilitem às crianças organizar diferentes cenários para as brincadeiras - zonas circunscritas delimitadas por móveis, cortinas, biombos.

Organização de espaços estruturados para brincadeiras de faz de conta, incluindo mobiliários e utensílios que caracterizem enredos diversos - casinha, mercado, médico, mecânico, eletricitista, carpinteiro, professor, cientista, pedreiro, engenheiro, dentre outros. Para ampliar o repertório das crianças e promover outras experiências novos



elementos podem ser introduzidos nas brincadeiras, tais como: para o consultório médico, incluir termômetro, estetoscópio; para o mercado, incluir embalagens diversas, máquina registradora; para as oficinas, carro, moto, avião.

⁹ De acordo com Carvalho e Rubiano (1996) os arranjos espaciais são os modos como o espaço é delimitado pelo uso de obstáculos, formado por zonas circunscritas, que são áreas delimitadas com móveis, desníveis do solo, parede. Os arranjos podem ser abertos, sem delimitação de zonas circunscritas, o que promove poucas interações e possibilidades de envolvimento com atividades específicas, semiaberto, com delimitação que permite que a criança e as profissionais tenham uma visão geral da sala e possam interagir de forma autônoma e segura em subgrupos de atividades e fechado, com barreiras que impedem a visão do todo e dificultam as interações.



Incorporar ao acervo da sala, materiais e objetos utilizados pelos adultos em diversas situações cotidianas, tais como: utensílios de cozinha, telefone, bolsas, computador, diferentes ferramentas, funis, peneiras, rolos.

Disponibilizar materiais e instrumentos (de uso real ou reproduções), para propor diferentes situações, enredos e brincadeiras. Seguem algumas proposições:

- 1- Para a utilização em contextos específicos: como consultório médico, casinha, salão de beleza, escola, banda musical, em pista ou estrada;
- 2- Para a utilização em diferentes enredos de brincadeiras, tais como: pedaços de madeira, roupas de bonecas, caixas, retalhos de tecidos, fios, sucatas, canaletas, canos, legos, blocos de construção;
- 3- Relativos às diferentes linguagens expressivas, experimentadas pelas crianças na instituição: instrumentos musicais, equipamentos que reproduzam vídeos e áudios, materiais de leitura e escrita, materiais que produzam marcas, suportes sobre os quais se pode fazer marcas ou sons;
- 4- Cenários que representem ambientes de histórias conhecidas e adereços que auxiliem a compor diferentes personagens. As fantasias podem ser criadas, tanto pelas profissionais junto com as crianças, quanto com o auxílio das famílias. Essas fantasias podem se basear nas histórias que as famílias têm para contar, nas que fazem parte da cultura local e do nosso patrimônio cultural;



Planejar saídas regulares com as crianças nas imediações ou lugares mais distantes, como parques, praças, campos de futebol, dunas, praias, outras unidades educativas . Aproveitar essas saídas para fazer coleta de elementos para compor coleções: sementes, gravetos, pedras, conchas, folhas secas.

Organizar espaços semi-estruturados nas áreas externas que possam servir de cenários para diferentes enredos - tendas, toldos, túneis, pergolados, espaços cercados por diferentes materiais, caixas de areia, de pedrinhas, filetes de madeira, pontes, caminhos.

Disponibilizar materiais para investigação e manipulação de diferentes elementos da natureza: peneiras, funis, canos, mangueiras, potes e recipientes de diversos tamanhos, formatos e materiais, ferramentas, caixas, lupas.

Organizar tempos e espaços para que as crianças possam brincar com água, areia, argila, barro, pedras, madeiras, bem como possam ser planejados banhos de mangueira, balde, piscina.

Disponibilizar água para que as crianças utilizem na elaboração de diferentes brincadeiras, em espaços como a caixa de areia, a exemplo de ‘bolos’ de areia. Esses bolos podem ser de diferentes cores e ‘sabores’. Para isso é necessário tingir a areia, o que pode ser feito com o auxílio das crianças.





Proporcionar um ateliê a céu aberto no parque, compreendido como um cenário lúdico que pode provocar as ações das crianças e abrigar as suas produções, recebendo imagens, estruturas móveis, brinquedos e cores que instiguem a curiosidade e deem base à sua imaginação.

Montar estruturas que ofereçam experiências com diferentes sonoridades: metais, canos PVC, madeira.

Organizar espaços que desafiem as crianças a ampliarem seus movimentos: saltar, entrar em túneis e labirintos, escalar, virar cambalhotas, rastejar, seguir circuitos, subir em troncos e filetes de madeira, pneus de diferentes tamanhos.

Montar estruturas que permitam explorar o deslocamento das crianças em diferentes inclinações, percursos.

Organizar espaços com canteiros de horta e jardim, de forma a servir também de cenário para construção de brincadeiras.

Organizar espaços inspirados nos enredos das histórias já conhecidas pelas crianças: castelos, tendas, casas, florestas, assim como em outros enredos que podem ser socializados por crianças de outras idades ou mesmo pelas famílias.

Organizar e construir espaços com as crianças, incluindo elementos inspirados nas histórias infantis ou em outros contos, como: castelo, torre, casa de palha, fundo do mar, casa de madeira, barcos, floresta, ônibus, entre outros.



Disponibilizar materiais que inspirem as crianças a representarem papéis conhecidos nas histórias, contos e lendas, tais como: cavalos de pau, capas, fantasias, demais adereços.



Criar coleções com as crianças de materiais variados para suas brincadeiras com tocos de madeira, pedras, conchas, materiais recicláveis, objetos “papietados”.

Desafiar as crianças a experimentarem e produzirem misturas com elementos como água, tintas, areia, farinhas, assim como nas produções culinárias, para que possam observar as transformações.

Contemplar, nas brincadeiras, as especificidades das crianças com deficiência, atentando para a acessibilidade aos espaços, materiais, brinquedos e objetos adaptados, tais como: bolas com guizo, jogos em braile, balanços com suporte de madeira para o equilíbrio da criança, texturas diferentes.

Construir brinquedos e elaborar brincadeiras tradicionais com a participação das crianças de diferentes grupos: carrinho de rolimã, carretão, carrinho de lata, cinco Marias, pé de lata, perna de pau, chinelão, amarelinha, pipa, vai e vem, peteca, bilboquê.



Crianças Pequenas:



Organizar espaços e materiais como suporte à construção e reinvenção, pelas crianças, de diversos cenários, possibilitando a ampliação e diversificação do repertório de brincadeiras. Além dessa organização, a ação da professora e a inserção de crianças de outros grupos também é necessária para enriquecer, qualificar e complexificar o brincar cotidiano.

Organizar espaços estruturados para brincadeiras de faz de conta, incluindo mobiliários e utensílios que caracterizem diferentes enredos e papéis sociais, tais como, casinha, mercado, consultório



médico, bombeiro, salão de beleza, escola, barco de pesca, astronauta, edificações, aeroporto, carteiro, banda musical, oficina, marcenaria, entre outros.

Complexificar as brincadeiras de faz de conta com as crianças por meio da inserção de novos objetos, tais como: termômetro, estetoscópio, blocos de receitas, caixas de re-

médios, construção de mobília para casinha com madeira ou papietagem, construção de uma caixa de correio, conhecimento de selos variados, reparação ou construção de 'móveis' utilizando martelo, chave de fenda.

Propor materiais não estruturados que possam ser utilizados em diferentes enredos de brincadeiras: pedaços de madeira, caixas, retalhos de tecidos, fios, sucatas, canaletas, canos, legos, blocos de construção.

Oferecer instrumentos ou materiais como: cadernos, bloquinhos, agendas, canetas, livros de história, lápis, giz, jogos com letras, carimbos, pranchetas, agendas telefônicas, cavaletes como possibilidade de enriquecer as brincadeiras.

Organizar espaços e disponibilizar materiais, acessórios, adereços e enredos para que, junto com as crianças, as profissionais possam provocar novas histórias e ideias para as brincadeiras de faz de conta como: teatro, safári, pescaria, viagem ao espaço, ao fundo do mar, ao centro da terra.

Apresentar materiais como panos, bambus, cordas, caixas, troncos de árvores, madeiras, pedras para a construção de estruturas que propiciem aventuras pelos mares, florestas, espaço e tantas outras que as crianças, entre elas, podem inventar.



Disponibilizar materiais como fantoches, dedoches, máscaras, teatro de sombra, bonecos de vara, fantasias, bem como propor brincadeiras com esses materiais.



Oferecer recursos de áudio para pesquisar e gravar, junto com as crianças, músicas de diferentes gêneros, sons instrumentais, sons da natureza, vozes das crianças, sons produzidos por animais, ruídos urbanos.

Organizar materiais e instrumentos que possibilitem explorar diferentes sonoridades e ritmos.

Disponibilizar brinquedos, artefatos, imagens, sons e propor manifestações culturais como danças e brincadeiras, que contemplem o contato e o conhecimento sobre as diferentes etnias e culturas. Pode-se convidar, tanto as famílias como outros profissionais, para contribuírem com a ampliação dos repertórios de conhecimentos das crianças.

Disponibilizar objetos e brinquedos para exploração e para as brincadeiras das crianças que deem visibilidade e revelem a diversidade de culturas, por exemplo: livros, rede, bonecas brancas, negras, indígenas, orientais (algumas podem ser confeccionadas com tecido, com as crianças e com as famílias), instrumentos musicais, tecidos de texturas e origens diferentes.

Incluir elementos da cultura local e de outros contextos: canoa, balaios, redes de pesca, rendas, tambores, berimbau, chocalhos, origamis, mandalas, leques, castanholas, para provocar as crianças a elaborarem novos enredos nas brincadeiras.

Incluir no acervo de materiais e objetos da





instituição, gravetos, pauzinhos, carvão, giz, tintas e outros instrumentos que permitam e instiguem as crianças a deixar marcas, desenhar, escrever na areia, na terra, no muro, na calçada.

Garantir a inclusão de diferentes tipos de objetos culturais para conhecer, explorar e brincar: relógio, balança, lupas, ampulhetas, peneiras de diversos tamanhos, funis que favoreçam experiências que envolvam relações com o tempo, com o espaço, quantidade, volume, entre outros; assim como materiais/objetos para montar, desmontar, empilhar, esvaziar, encher, arrastar, fechar, abrir, medir, projetar.

Disponibilizar diferentes instrumentos convencionais e não convencionais de medida como fita





métrica, régua, balança para utilizar nas suas brincadeiras de casinha, de vendinha, de construção de pontes, estradas, torres, pirâmides, casas, entre outros.

Construir, junto com as crianças, brinquedos tradicionais feitos com materiais reaproveitáveis.

Proporcionar um ateliê a céu aberto no parque, compreendido como um cenário lúdico que pode abrigar as produções das crianças, recebendo imagens, estruturas móveis, brinquedos e cores que instiguem a curiosidade e deem base à sua imaginação.

Construir brinquedos e organizar propostas com as crianças que aconteçam nos espaços externos, tais como, catavento, sombras produzidas pelos efeitos da luz solar, produção de arco-íris utilizando água e raios solares, paraquedas de sacola plástica, avião de papel, fitas de papel e de pano, biruta, pipa. Para os espaços internos, pode-se propor caixa ou mesa de luz, lanternas, projeção, mangueiras com luz.



Promover brincadeiras que incluam desafios relacionados com a representação gráfica do espaço e deslocamentos, tais como caça ao tesouro, mapa da mina, amarelinha, percursos, bate-manteiga, pistas, entre outras.

Desafiar as crianças a saltar, entrar em túneis, labirintos, escalar, virar cambalhotas, assim como convidá-las a inventar novos movimentos, utilizando elementos como fitas ou bolas.



Desafiar as crianças a ampliarem seus movimentos, equilíbrio e coordenação, organizando propostas e disponibilizando materiais: teias e tramas com cordas, elásticos, pernas de pau, arcos, circuitos, planos inclinados, traves, troncos, filetes de madeira, pneus de diferentes tamanhos, assim como estruturas para subir, escalar, saltar, rastejar, passar por dentro.

Propor, junto às crianças, a construção de brinquedos, estruturas e “engenhocas” como catapulta, balança, pêndulo, tirolesa, com materiais recicláveis como caixas do tipo tetra pack, garrafas e tubos plásticos, latas, fios, lãs, tecidos, correntes, arames, tampinhas, rolhas. Inserir também elementos da natureza como conchas, areia, troncos, toquinhos de madeira, sementes, pedras, folhas secas, de modo a experimentar a utilização e a mistura de materiais diversos.

Organizar tempos e espaços, junto com as crianças, para que possam brincar com elementos da natureza como água, areia, argila, barro, pedras, madeiras, bem como possam ser planejados banhos de mangueira, balde, piscina. Outras possibilidades podem ser ainda a confecção de barquinhos de papel para colocar na poça d’água, a construção de lagos para pescaria, chafariz, moinho, estruturas com canos, funis e calhas.



Organizar, com as crianças, coleções de materiais variados para suas brincadeiras, por exemplo, tocos de madeira, pedras, conchas, objetos “papietados”, sementes, tampinhas de garrafas, folhas, figurinhas, miniaturas, selos, bolinha de gude.

Contemplar, nas brincadeiras, as especificidades das crianças com deficiência. Propor situações e materiais para que todas as crianças possam experimentar, criar e tornar visível suas produções.

Criar brincadeiras na sala ou na parte externa da unidade, a fim de que algumas das diferenças apresentadas pelas crianças possam ser reconhecidas e respeitadas: brincar de andar pela sala de olhos vendados, colocar as mãos em caixas sem visualizar os objetos que estão no seu interior, falar sem emitir som, tentar pegar algo sem sair do lugar.

Confeccionar, com as crianças, maquetes e coleções de miniaturas, como carrinhos, animais, bonecos, que darão suporte às brincadeiras.

Construir com as crianças bonecas/bonecos, roupas e acessórios de papelão para explorarem em suas brincadeiras.

Disponibilizar às crianças jogos de mesa e tabuleiro, tais como dama, xadrez, percurso, bingo em ensiná-las a brincar com eles.

Planejar saídas regulares com as crianças nas imediações ou lugares mais distantes como parques, praças, campos de futebol, dunas, praias, outras unidades educativas, museus e cinemas.



Núcleo de Ação Pedagógica: Relações Sociais e Culturais



*Negra de carapinha
Não estrague o teu cabelo, me jura
Faça tranças corridinhas
Com miçangas a cair
Carrapitos pequenitos
Como aqueles que vovó fazia
Pra você
Você é africana
Tem beleza natural
Vai mostrar pra todo mundo
Que essa tua carapinha
É o acabamento de uma obra sem igual.*

(Música de Jussara Vieira)

Este Núcleo de Ação Pedagógica (NAP), constituído pelas relações sociais e culturais, evidencia, de forma mais enfática, que a ação pedagógica põe em relação os núcleos de ação apresentados neste currículo. Isto, de modo especial, ocorre ao considerarmos a relação social e a linguagem como interdependentes e fundantes do processo de humanização. Entendemos que é na relação com o(s) outro(s), situado histórico e socialmente, que o ser humano se constitui e tece a compreensão de si e do mundo.

No que diz respeito às crianças e bebês que frequentam diariamente as instituições de educação infantil, importa considerar que sua constituição e desenvolvimento estão implicados nas interações e relações cotidianas a elas proporcionadas, dentro e fora destes contextos, o que torna imprescindível considerarmos os aspectos, os enunciados e as formas que compõem tais relações.

A importância das relações está anunciada no Parecer nº20/2009 das Diretrizes Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009b, p.6), na definição do currículo como “um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem

parte do patrimônio cultural, artísticos, científico tecnológico”. Tais práticas são concretizadas por meio das relações sociais que as crianças estabelecem com os adultos, outras crianças e com o ambiente social, e influem sobre a construção de suas identidades.

Acerca desta consideração da importância das relações sociais e culturais na composição da prática pedagógica das unidades educativas, é importante tecer algumas notas: primeiro, as crianças, desde bebês, não são inertes nestas relações. Elas se constituem de forma ativa e interferem na constituição daqueles com quem elas se relacionam, ainda que não possa olvidar as implicações de poder que atravessam tais relações em nossa sociedade, principalmente as que envolvem os adultos.

Segundo, a atenção às relações sociais e culturais, na proposta curricular para educação infantil, exige observar que tais relações não se fundam no ambiente das instituições de educação infantil. Apreende-se que as crianças vivem relações que antecedem a entrada na creche e, que elas continuam a viver estas e outras relações de forma simultânea em seu processo de socialização. Isto significa estar atento a composição de uma ação pedagógica que considere e dialogue com estes outros espaços sociais, principalmente quando nos referimos às famílias.

Terceiro, as crianças vivem processos de socialização diversos, (situadas em diferentes famílias, comunidades e atravessados por aspectos concernentes ao gênero, à etnia, à classe social) ainda que possam viver em uma mesma cidade ou sociedade, o que implica pensar a heterogeneidade constitutiva dos grupos de que estas fazem parte. Isto significa que a “ação pedagógica precisa ser orientada por um olhar que contemple as crianças em suas singularidades e subjetividades, sem desconsiderar os seus direitos na igualdade de acesso aos bens produzidos pela sociedade” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 60).

Quarto, compreender as relações sociais e culturais como um núcleo de ação pedagógica, não significa tratá-las como um conteúdo específico a ser trabalhado em alguma atividade dirigida ou como um projeto recortado a partir de um dos elementos que compõe este NAP. Ao compreender que toda e qualquer relação é educativa, pois implicará a constituição do ser, é preciso apreender que este NAP atravessa todas as ações que estruturam as experiências individuais e coletivas das crianças no contexto das unidades educativas. Isto envolve tanto as situações que as profissionais estarão diretamente envolvidas com as crianças, seja de forma individual ou coletiva, como as situações em que as profissionais preparam o espaço, prevendo e fomentando condições para que as crianças possam se relacionar entre si ou com o ambiente.

Acerca ainda deste último ponto, é importante considerar que em todas estas situações estão presentes enunciados, verbais e não verbais, que implicarão o processo de constituição das crian-

ças. Assim, ao tratarmos das relações sociais e culturais como um núcleo de ação pedagógica, desejamos que estes enunciados possam: dar visibilidade e reconhecer as crianças como seres singulares e sociais; respeitar a identidade e a diferença delas e entre elas, de forma que isto não signifique a reprodução das desigualdades sociais; contribuir para novas formas de sociabilidade humana comprometidas com a democracia, com a cidadania, com a dignidade humana e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (BRASIL, 2009).

Desta forma, este NAP tem como pressuposto o direito de todos à educação e o direito à diferença, pontos de partida para a efetivação de uma educação inclusiva. Os indicativos que compõem este núcleo envolvem aspectos a serem considerados e observados nas relações constituídas diariamente com as crianças nas unidades educativas, quais sejam, a igualdade de gênero, as diferenças étnico-raciais, a educação laica, a educação especial, as relações dialógicas instituição-família-comunidade, as interações entre coetâneos, não coetâneos e entre gerações, a indissociabilidade do cuidar e educar na prática pedagógica, o entendimento do espaço como “um outro” nas relações com as crianças e entre elas, e, ainda, a perspectiva de planejar tais relações interligando de forma dialógica as diferentes temporalidades das crianças no contexto coletivo.

Para todos os grupos



Garantir a igualdade no tratamento aos meninos e às meninas da Educação Infantil.

Romper com as práticas (atitudes e linguagem) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino.

Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino.

Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo.



Garantir, aos meninos e meninas, ações de cuidado e consolo sem distinção de gênero (como nas situações que envolvem manifestações de choros, nos momentos de atenção com o corpo, como pentear os cabelos, trocar de roupa, entre outros).

Proporcionar, nos

momentos de higiene, a expressão da igualdade de direitos para meninos e meninas, construindo uma imagem positiva e de aprendizagem do autocuidado, para ambos.

Apresentar aos bebês e crianças histórias, brincadeiras e músicas que valorizem diferentes culturas e etnias.

Selecionar e dispor objetos e brinquedos para exploração e ampliação das brincadeiras das crianças, com o intuito de dar visibilidade e valorizar a diversidade étnica e cultural.

Disponibilizar bonecas e bonecos com traços que valorizem e deem visibilidade às diferentes origens étnicas, com o objetivo de reconhecer a diversidade.



Selecionar e dispor tecidos de cores, estampas e texturas de origens diferentes.

Disponibilizar, nos espaços da unidade educativa, instrumentos musicais de origens culturais diversas.



Pesquisar e incluir histórias, contos e lendas que valorizem diferentes origens culturais, ampliando o repertório das crianças para além da tradição europeia. Ressalta-se que todo e qualquer material disponibilizado às crianças deve passar pelo crivo das profissionais com o intuito de analisar os conteúdos impróprios de violência, preconceito, racismo ou de discriminação.

Ampliar o acervo bibliográfico da unidade, através da pesquisa constante das culturas: africana, indígena, latino-americana, oriental, entre outras, de forma a construir novas possibilidades para os planejamentos coletivos e dos grupos.

Fortalecer a identidade cultural das crianças, planejando o encontro destas com diferentes grupos folclóricos do município e da própria comunidade, tais como: contadores de histórias, grupos de dança, do boi de mamão, do maracatu, da capoeira, da puxada de rede, entre outras.

Inserir, cotidianamente, nos diferentes espaços da instituição educativa, artefatos da cultura



local e global, tais como: canoas, balaios, redes de pesca, rendas, cestos, chapéus, tambores, redes de balanço, lenços, berimbaus, chocalhos, bonecas africanas, origamis, mandalas, entre outros.

Estes elementos da cultura devem estar à disposição das crianças para a diversificação e ampliação das brincadeiras de faz de conta.

Garantir que os espaços da instituição sejam acolhedores, e que neles, as crianças de diferentes origens étnico-raciais sejam reconhecidas e valorizadas.

Estar atentos aos meninos e às meninas, fomentando ações e posturas que reconheçam suas características próprias, sejam elas físicas, emocionais, sociais.

Tratar as crianças sempre pelo nome, não utilizando apelidos ou diminutivos pejorativos ou estereotipados, incentivando a mesma forma de tratamento entre elas.

Propor, ao longo do ano, ações de aproximação com as famílias e comunidade, de forma a conhecer aspectos que caracterizem a condição singular das crianças e de seus grupos de pertença.



Ações como entrevistas, visitas ao bairro, encontros periódicos com os familiares, eventos culturais na unidade, são importantes para a constituição de uma relação de proximidade com a realidade das crianças e comunidade.

Estar atento às atitudes que enunciam às famílias a importância de sua presença na unidade.



Ações simples como: conhecer e chamar os familiares pelo nome, convidá-los para entrar na sala, solicitar sua participação em alguma proposta realizada com as crianças, perguntar como a criança está em casa, entre outras, podem contribuir para o fortalecimento da relação creche-família.

Apresentar a proposta pedagógica da unidade às famílias, desde o processo de matrícula, assegurando o direito destas de conhecerem e acompanharem a educação

das crianças e bebês. Ações como: apresentação dos espaços da creche, a confecção e distribuição de informativos, a divulgação dos planejamentos dos grupos em reuniões periódicas, a exposição de registros filmicos e produções infantis, os encontros para avaliação contínua do processo vivido pelas crianças na instituição, dentre outras, contribuem com a continuidade e sustentação deste direito.

As propostas e ações pedagógicas das unidades educativas não devem envolver qualquer tipo de proselitismo religioso.

A instituição, em seu caráter laico, deve respeitar as diferentes opções em torno da religiosidade das famílias (ateus, agnósticos, diferentes religiões), não privilegiando ou desqualificando qualquer destas manifestações, tratando-as sob o prisma da diversidade cultural. Desta forma, as histórias, as lendas, os contos das religiões podem fazer parte do acervo cultural da unidade, sem que, em hipótese alguma, isto se caracterize como uma forma de doutrinação.

Planejar, intencionalmente, os momentos de integração com as crianças e/ou com as famílias nas unidades educativas, primando pelo respeito à diversidade e ao bem comum. É preciso muito cuidado para que tais momentos não sejam atravessados por princípios comerciais e de uma única cultura.

Articular, com os diversos profissionais da unidade (professoras, diretora, auxiliares de sala, cozinheiras, auxiliares de serviços gerais, supervisora), o planejamento coletivo, a fim de fomentar e ga-

rantir o atendimento das crianças em suas diversas dimensões (nutricional, afetiva, lúdica, cognitiva, social, estética, corporal).

Organizar encontros periódicos entre as profissionais de diferentes setores (professoras, diretora, auxiliares de sala, cozinheiras, auxiliares de serviços gerais, supervisora) para planejar e avaliar as ações que envolvem o cotidiano das crianças na unidade, como por exemplo: a alimentação, os espaços coletivos, os momentos de descanso, o uso do parque, a limpeza do espaço, entre outras, tomando como princípio o respeito às singularidades dos grupos, dos meninos e meninas.

Articular, com as profissionais da Gerência de Educação Especial, o planejamento das ações que exigem atenção às crianças com deficiência, de forma a assegurar o processo de inclusão na instituição.

Possibilitar, na organização dos espaços, a disposição de materiais à acessibilidade das crianças com deficiência para participarem e se envolverem nas propostas coletivas e individuais.

Organizar os tempos e os espaços prevendo os interesses e necessidades diversas das crianças. Considerar por exemplo, que nem todas as crianças sentem sono ao mesmo tempo, que a roda de história proposta pode não atrair a atenção de todos; que a brincadeira na casinha pode continuar com algumas crianças, enquanto outras saem para se alimentar ou fazer outra atividade; que os bebês continuam suas relações enquanto a profissional fica envolvida com a troca de fralda de outra criança, dentre outras situações.

Disponer livros, tecidos, materiais e objetos diversos que inspirem e ampliem os repertórios das crianças.



Bebês:



Planejar a troca de fraldas, o banho, a alimentação, o sono e o descanso, entre outras ações, de forma convidativa e aconchegante. Observar a higiene dos trocadores, a troca dos lençóis, fronhas e capas de almofadas, a temperatura da água, a disposição de objetos sobre o trocador ou dentro da

banheira, a possibilidade de ter um espelho próximo, dentre outros, no sentido de assegurar o bem-estar e a saúde dos bebês.



Desenvolver as ações de cuidado individual, tais como a troca de fraldas, a alimentação, o descanso, os acalentos, o banho em consonância com um espaço organizado para os demais bebês do grupo, de forma a acolher e dar sustentação às suas ações e relações.



Incentivar os bebês a realizarem movimentos que possam ajudar nas ações de higiene e cuidado, como por exemplo, oferecer o braço para vestir a blusa, entre outros.

Estar atento àquilo que é enunciado verbal e ou corporal nos momentos de atenção individualizada. As palavras, o tom da voz, a forma como a profissional toca o corpo do bebê, carregam significações acerca deste e do mundo, de for-

ma a contribuir em seu processo de subjetivação e constituição de sua identidade. Os enunciados verbais e/ou corporais devem ser alicerçados na ideia do bebê, como sujeito, e não como objeto a ser asseado ou alimentado. Neste sentido, é importante avisar e convidar os bebês para qualquer ação a ser realizada com eles: chamá-los pelo nome, narrar a ação, esperar e identificar suas respostas, etc.

Possibilitar que os bebês, gradativamente, participem dos momentos de cuidado, com ações simples como: solicitar que peguem a roupa na mochila, dar opções de escolha de roupas, oferecer o papel para que limpem o nariz, oferecer o pente ou escova para que os bebês possam realizar tentativas de pentear o cabelo, entre outros.



Constituir uma postura atenta às manifestações dos bebês, de forma a perceber e a dar visibilidade àquilo que os singularizam no convívio coletivo. É importante considerar o papel dos adultos em tecer significados às ações dos bebês neste momento. A linguagem do adulto vai contornando e significando a compreensão do bebê sobre si e o mundo.

Considerar que os bebês vivem processos de socialização fora do ambiente da unidade educativa, e que é necessário buscar informações com as famílias para compreensão de suas singularidades: formas de comer, de dormir, de ser asseado, de ser acalentado, de brincar, etc.

Considerar que os familiares são os primeiros porta-vozes das crianças na unidade educativa, aqueles que irão contar sobre os jeitos deles de ser e estar no mundo. Desta forma, a participação dos familiares no processo de inserção dos bebês na unidade é imprescindível. Algumas posturas e ações como: entrevistas, a permanência de algum familiar nos primeiros dias na creche, reuniões para ouvir as opiniões e anseios dos familiares, entre outras, podem ajudar na construção de uma ação pedagógica que considere a parceria com as famílias.

Planejar, junto às famílias e profissionais da alimentação (nutricionistas e cozinheiras), a tran-

sição alimentar dos bebês na creche. É preciso considerar a forma como cada família se organiza, e tomar isto como ponto de partida para o planejamento da unidade, de forma a se pensar na introdução do cardápio coletivo.



Planejar, com as nutricionistas da Secretaria Municipal de Educação, ações que visem a orientar as famílias acerca da constituição de hábitos saudáveis na alimentação dos bebês.

Permitir que os bebês fiquem livres no ambiente representa um importante aspecto nas relações constituídas com e nos espaços. Esta ação deve estar imbricada na ideia da capacidade dos bebês em iniciarem e estabelecerem relações com seus coetâneos e ambiente.

Disponibilizar aos bebês imagens de diferentes origens, (através de móveis ou exposições pelo ambiente) com mulheres, homens, meninos, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, dentre outras, de maneira a possibilitar a construção de referências quanto à diversidade humana.

Considerar que, para os bebês, imagens colocadas no chão, na parte baixa da parede, na altura dos rodapés, ou mesmo no teto, embaixo das mesas e das cadeiras, no encosto do berço, podem garantir o enriquecimento de seu campo visual.

É necessário dispor, no espaço dos bebês, elementos que os desafiam e os encorajam a experimentar novos movimentos.

Disponibilizar elementos que oportunizem o contato com **aromas** de origens diversas (material e cultural), tais como: cravo, café, canela, lavanda, cascas de frutas, ervas, comidas dentre outros.





Disponibilizar elementos que possibilitem o contato e a experiência com diferentes sonoridades, tais como telefone, instrumentos musicais, despertador, sinos, campainhas, apitos, pau de chuva, canos, latas, chapas de raios X, matraca, entre outros.

Estar atento à diversidade dos gêneros musicais na escolha dos CDs e DVDs que serão utilizados com os bebês. É preciso incluir neste acervo, produções que representem diversas culturas.

Os brinquedos e outros materiais (que não provoquem riscos de acidentes) necessitam estar ao alcance dos bebês, possibilitando as suas iniciativas e organizações próprias.

Organizar o espaço de forma a considerar e endossar o processo de constituição da autonomia dos bebês, sem desconsiderar ações que zelem por sua segurança e bem estar. Ações como: forrar o piso com tapetes, dispor colchões e almofadas formando cantos aconchegantes, estar atento à sonoridade dos ambientes, cuidar da luminosidade e ventilação, higienizar periodicamente os brinquedos, entre outras, podem evidenciar o respeito das profissionais com os bebês, sem comprometer o processo de constituição de sua autonomia.



A exploração dos espelhos com os bebês, das fotos destes e de suas famílias em proposições diversas é um recurso importante para que eles se reconheçam, e identifiquem a imagem refletida



bem como, a sua disposição em posições que proporcionem apoio aos bebês, quando estes já iniciam suas tentativas de locomoção.

Considerar, no planejamento, que os bebês demonstram curiosidade por lugares com pouco espaço. Materiais como caixas de papelão, minhocão, cestas, cabanas de tecidos, entre outros podem provocar ricas experiências aos bebês.

Organizar os espaços, tanto da sala de referência como os demais espaços da creche, com elementos que propiciem o

encontro entre os bebês.



estar atento às ações interativas dos bebês com espaço, e entre os bebês, de forma a não interromper momentos que podem ser muito significativos para eles.

Mediar e significar verbalmente as relações e interações dos bebês entre si e com o espaço.



Possibilitar espaço e tempo para que os bebês, por si mesmos, possam investir em explorações diversas (tentativas de movimentos, exploração de objetos, interações com outros bebês), apoiando-os pelo olhar, ou observando e registrando tais investidas para fundamentar planejamentos posteriores.

Promover o acesso de crianças maiores, de ambos os sexos, nas visitas e interações com bebês.

Convidar os irmãos, primos e vizinhos dos bebês que frequentam outros grupos na unidade a visitá-los cotidianamente.

Organizar a saída dos bebês aos espaços externos à sala de referência, de for-





ma que eles participem de brincadeiras com as crianças de mais idade.

Organizar os diversos espaços da unidade educativa, de forma que estes possam dar visibilidade e acolher a presença dos bebês na instituição.

Planejar com outros profissionais, e com as famílias, saídas na comunidade e a outros contextos, de forma que os bebês possam ter acesso a diferentes ambientes.



Crianças bem pequenas:



Acompanhar as crianças em ações como lavar as mãos, arrumar os cabelos, alimentar-se, hidratar-se, passar protetor solar, na troca de roupas e sapatos entre outras. Tais ações podem contribuir para constituição de importantes aprendizagens que influem na identidade e auto-imagem das crianças.

Incentivar as crianças nas ações de cuidado, dando tempo para que elas possam realizar tentativas de: calçar os sapatos sozinhas,

despir ou vestir peças mais simples de roupas (calças, casacos, meias), pentear os cabelos, ensaboar-se, secar o corpo, colocar água no copo, servir-se nos momentos das refeições, escovar os dentes, entre outras.

Prever estratégias que facilitem as ações autônomas das crianças nas situações de cuidado corporal, como por exemplo: colocar os materiais de higiene (sabonetes, escovas, toalhas, papel



para limpar o nariz, entre outros) ao seu alcance, estar atento ao formato ergométrico dos materiais (exemplo o tamanho dos utensílios adequados ao seu tamanho), incentivar que as crianças com mais experiências possam ajudar as que necessitam de orientação, ter livre acesso ao banheiro, etc. Tais proposições não eximem a responsabilidade das profissionais em acompanhar e orientar as ações das crianças bem pequenas.

Planejar ações que prevejam e respeitem as singularidades de cada criança, de forma a assegurar que cada uma delas possa se manifestar e se sentir acolhida, em seus desejos, preferências, receios, dúvidas, desafios. Desta forma, as proposições para situações cotidianas e de convívio coletivo, como o momento da alimentação, descanso, higiene, brincadeiras, entre outras, precisam dialogar com tais singularidades.

Estabelecer estratégias de comunicação contínua com as famílias, de maneira a constituir um vínculo dialógico, de forma que tanto as informações vindas da instituição, como as que se originam do ambiente familiar, possam ser consideradas na educação e cuidado das crianças.

Planejar o processo de desfralde de forma conjunta com as famílias, considerando as características singulares de cada criança. É preciso considerar que o desfralde não é um processo homogêneo a ser aplicado ao grupo das crianças bem pequenas de maneira uniforme, mas um processo



que envolve aspectos subjetivos ligados à condição biopsicossocial de cada menino e menina. Assim, observa-se que o fator cronológico não é o único demarcador para começar as mediações em torno do controle esfinteriano¹⁰.

Estar atento a indícios apresentados pelas crianças acerca da possibilidade de iniciar o seu processo de desfralde. Algumas manifestações das crianças bem pequenas, tais como: o incômodo causado pela fralda, a percepção de quando faz “xixi” ou “coco”, a curiosidade apresentada quando outras crianças estão no banheiro, entre outras, podem sinalizar o início deste processo.

Organizar estratégias para conhecer como as famílias orientam e intervêm no processo de desfralde das crianças. É importante considerar os aspectos que interferem no desfralde no ambiente familiar, como informações importantes a serem consideradas no planejamento da ação docente. É imprescindível a troca de informações neste processo, incluindo também orientações às famílias quanto às ações que possam constrianger e prejudicar as crianças.

As ações em torno do desfralde não podem se pautar na perspectiva do treinamento mecânico. Assim, não se deve impor o uso do vaso sanitário e ou deixar as crianças por longos períodos sentadas neste.

Estar atento aos enunciados verbais, bem como as ações, que podem incidir na afirmação de estereótipos de gênero no processo de desfralde. É preciso considerar que os meninos não precisam necessariamente ficar em pé para fazer xixi, e que meninos e meninas têm os mesmos direito de cuidado, higiene e privacidade.

Organizar momentos em que os familiares das crianças possam participar e propor brincadeiras, histórias, músicas oriundas de seus repertórios culturais, de modo articulado ao planejamento das profissionais.

Observar as manifestações comunicativas das crianças, de forma a buscar indícios para o planejamento cotidiano. Estas manifestações podem se apresentar de diversas formas (oral, corporal, gestual, emocional, etc.) na relação com os adultos, com seus pares e com o ambiente.

Valorizar as trocas de informações nas conversas em pequenos e grandes grupos, dando visibilidade aos relatos e informações que as crianças trazem sobre o que ocorre na comunidade.

Propor passeios ao entorno da comunidade, de forma que as crianças possam ter acesso à cul-

¹⁰ Embora as orientações entorno do desfralde esteja localizado, neste currículo, na seção das crianças bem pequenas, estas poderão ser consideradas tanto para os bebês como para as crianças pequenas, visto que não há uma definição cronológica estática quanto ao início deste processo.



tura local. É importante que as profissionais pesquisem e conheçam com antecedência os lugares e as características da comunidade, de forma a planejar estratégias que possam reconhecer e valorizar a cultura local e as possibilidades de acesso.

Incluir, nos materiais dispostos nos espaços da creche, elementos oriundos de diferentes culturas (de outras comunidades, outros países, outros povos) de modo que as crianças possam mexer,

explorar, inventar possibilidades de uso, descobrir sua materialidade, etc. É importante que o conjunto destes elementos possa dar visibilidade à diversidade étnica, cultural, de forma a enunciar visual e materialmente a condição da heterogeneidade.



Disponibilizar, pelo espaço da sala, ao alcance das crianças revistas, jornais e livros de diversos gêneros, com imagens que contemplem a diversidade: étnico, cultural, geracional e de gênero. É importante que as

crianças possam ter acesso a imagens de bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres, homens, pessoas com deficiência, negros, negras, indígenas, asiáticos, etc.

Disponibilizar imagens das próprias crianças e de suas ações pelo espaço da creche, de forma a valorizar sua autoimagem. É preciso estar atento para que não haja privilégio de algumas crianças em detrimento de outras.

Selecionar os materiais impressos, com o cuidado de verificar se há imagens que incitam a violência e práticas discriminatórias.

Ajudar as crianças a perceberem e manifestarem os seus sentimentos como: alegria, tristeza, raiva, ciúme, euforia, frustração e decepção. É função dos adultos acolher tais manifestações, de forma a ajudar as crianças a compreender suas emoções e a perspectiva do outro com quem elas se relacionam.



Incentivar ações de respeito consigo mesmo e com os outros (crianças e adultos), valorizando atitudes de solidariedade no convívio coletivo da creche.

Estar atento e intervir em conflitos entre as crianças ou situações em que surgem apelidos ou brincadeiras discriminatórias.



Incluir, nos espaços da unidade educativa, materiais de diferentes tradições culturais para que as crianças possam visualizar, explorar e elaborar diferentes usos e brincadeiras. A materialidade de elementos culturais podem contribuir para dar visibilidade à diversidade cultural que compõe o ambiente coletivo e a sociedade.



Garantir que os brinquedos e outros materiais estejam acessíveis às crianças, possibilitando as suas iniciativas, escolhas e organizações próprias.

Estruturar o espaço para promover as interações entre as crianças e com o próprio ambiente, para além da presença do adulto, que muitas vezes está envolvido individualmente com alguma criança.

Prever ambientes para o encontro de grandes e pequenos grupos e também para aconchegar as crianças que necessitem ou desejarem estar mais sossegadas.



Propor e incentivar a criação de brincadeiras e jogos, atendendo as necessidades das crianças de correr, jogar, pular, manipularem areia, água, folhas, argila, entre outros.

Incluir, no espaço, brinquedos e outros elementos que possam ampliar a capacidade criativa das crianças como pneus, cordas, tecidos, bolas, loucinhas, ferramentas, pedaços pequenos de madeira, água, argila, entre outros.

Promover o acesso das crianças nas visitas e interações com bebês e crianças maiores.

Proporcionar a organização dos espaços onde as meninas e os meninos possam vivenciar a interação, sem sexismo ou segregação de gênero.

Proporcionar brincadeiras diversas e jogos, através da organização do espaço, de brinquedos, de objetos e enredos, de modo que meninos e meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo.



Crianças Pequenas:



Incentivar a autonomia das crianças nas ações de cuidado, sem desconsiderar a necessidade de orientação das profissionais e da fomentação das condições para que isso ocorra.



Estar atento às ações de cuidado com as crianças, de forma a incentivar ações autônomas sem, contudo, desprovê-las do direito à proteção e provisão, que, neste momento, é de responsabilidade dos adultos. Ex.: estar atento nos dias quentes em que as crianças, tanto quanto os bebês, necessitam de banhos, ou ainda, orientações e auxílio na higiene pessoal, na troca de roupas adequadas à estação, etc.

Disponibilizar os materiais de uso pessoal e de higiene ao alcance das crianças, para que elas possam ter condições de constituir ações de autonomia no cuidado delas próprias.

Considerar e respeitar as singularidades das crianças nos momentos de cuidado pessoal, prevendo, na organização do tempo e espaço, condições para que se efetive esse respeito. Exemplo: considerar que nem todas as crianças sentem sono após o almoço, que algumas desejam e necessitam de mais privacidade no banheiro, que elas possuem modos próprios para dormir, comer, se consolar etc.

Garantir o respeito à individualidade de cada criança, considerar que elas não necessitam par-



participar rigorosamente de tudo que é proposto pela professora ou outras crianças. É preciso pensar em uma organização de tempo e espaço que ofereça alternativas às diferentes necessidades e desejos das crianças.

Organizar os momentos e os espaços para alimentação, higiene, descanso, entre outros, de forma diversa, convidativa e aconchegante. Envolver as crianças na organização destes momentos, de forma que elas possam trazer indicativos que singularizem a constituição do convívio coletivo.

Buscar, junto às famílias e as crianças, informações que possam ajudar a compreender as suas singularidades, e aspectos que marcam a seu pertencimento social e cultural.

Envolver as famílias em projetos e planejamentos propostos no grupo, de forma que as crianças e familiares possam trazer e levar os saberes produzidos nas relações de que fazem parte.

Convidar as famílias para participarem de atividades elaboradas no contexto da unidade





educativa, estando atentas às contribuições que elas possam dar a partir de seus saberes.

Incluir, nas brincadeiras de faz de conta, elementos da cultura mais próxima e de outros lugares, tais como objetos, tecidos, imagens, artefatos etc. possibilitando que as próprias crianças possam criar novos arranjos.

Propor a construção de materiais diversos inspirados em diferentes culturas, possibilitando assim, a apropriação de diferentes saberes e a constituição de uma prática que privilegie e valorize a diversidade.

Privilegiar as trocas de informação nas conversas em pequenos e grandes grupos envolvendo as falas das crianças, as informações sobre o que ocorre na comunidade local e em outros lugares, propondo questões que ampliem o diálogo.

Propor passeios ao entorno da comunidade e em outros lugares, de forma que as crianças possam ter acesso a diferentes culturas. É importante que as profissionais pesquisem e conheçam com antecedência os lugares e as características da comunidade, de forma a planejar estratégias que possam reconhecer e valorizar a cultura local e as possibilidades de acesso.



Estar atento aos tipos de materiais disponibilizados nos espaços para brincadeiras, como casinha e salão de beleza (penteados, embalagens de produtos de beleza, cremes, adereços para o cabelo etc.), de forma a reconhecer e dar visibilidade à diversidade.



Organizar com as crianças materiais de diferentes origens culturais a serem disponibilizados nos espaços da creche (imagens, objetos, brinquedos, tecidos, entre outros).

Apoiar as crianças nas manifestações e na compreensão de seus sentimentos, de forma a incentivar o respeito consigo e com o outro.

Observar e intervir nos conflitos entre as crianças ou situações que incitem atitudes discriminatórias, a partir de princípios de respeito às diferenças e à igualdade de direitos.

Ouvir e observar as crianças, complementando os planejamentos com suas sugestões, indicativos e hipóteses, de forma a complexificar os seus conhecimentos.

Organizar o espaço de forma que preveja a simultaneidade de relações estabelecidas entre as crianças e os adultos. O espaço precisa ser organizado de forma a atender diferentes interesses manifestados pelas crianças e as ações destas entre si.



Dar visibilidade, bem como reconhecer, as diferentes manifestações culturais na organização dos espaços da creche, incluindo as crianças nestes planejamentos.

Organizar os espaços da unidade educativa, de forma a dar condições às crianças de criar brincadeiras e jogos. É preciso estar atento às necessidades diversas das crianças de correr, jogar, pular, manipularem areia, água, folhas, argila, entre outros.

Disponibilizar, no espaço, fantasias, adereços, objetos, sapatos, para que meninas e meninos, em suas



brincadeiras possam trocar e experimentar diferentes papéis sociais relacionados ao feminino e masculino.

Proporcionar formas diversificadas e híbridas¹¹ na organização dos espaços para brincadeiras, onde as crianças possam ser provocadas a vivenciar a interação sem sexismo ou segregação de gênero.

Proporcionar situações onde as crianças dialoguem e experienciem o respeito às diferenças, propondo práticas solidárias e não discriminatórias (à condição étnico-racial, gênero, sexual, física, econômica, social, cultural).

Evitar a separação dos brinquedos em classificações que tendem a expressar distinções entre atividades próprias para meninos e meninas.

Garantir o direito à privacidade das crianças nos espaços educativos (banheiros, refeitório, pátio).

¹¹ Pensar em espaços que sejam híbridos significa marcá-los com aspectos que se misturam, se alteram, formam outras possibilidades. Assim, os materiais para as brincadeiras das crianças, não precisam estar separados de forma imperativa, classificando aquilo que é considerado de menina ou de menino. Podemos pensar em espaços que possam ter elementos diversos a se relacionarem entre si, a partir das ações que as crianças possam exercer sobre estes.

Núcleo de Ação Pedagógica: Linguagens

Aquarela

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.
Se um pingüinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,
Num instante imagino uma linda gaiivota a voar no céu.
Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul,
Vou com ela, viajando, Havai, Pequim ou Istambul.
Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar num beijo azul.*



*Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.
Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo,
E se a gente quiser ele vai pousar.*

*Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida.
De uma América a outra consigo passar num segundo,
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.*

*Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.*

*Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.
Vamos todos numa linda passarela*

*De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.
Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá).
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá).
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (que descolorirá).*

(Toquinho - Vinicius de Moraes - M. Fabrizio - G. Morra)

Este Núcleo da Ação Pedagógica se caracteriza pelas propostas que envolvem as linguagens e suas manifestações no cotidiano das instituições de educação infantil. Sendo assim, parte-se da compreensão que “a linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é um sistema de signos” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.37).

É imprescindível propor práticas pedagógicas que primem pela ação social direta das crianças nas vivências que envolvam linguagens, mediadas pelos artefatos culturais e pelos sentidos e significados produzidos social e culturalmente. Nessa direção, Cunha afirma que (2001, p.10):

As instituições da educação infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador para o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo através dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está a sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, estes são fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.

Desta forma, este capítulo se organiza com base nas Diretrizes e Orientações Curriculares Municipais que abordam: a Linguagem Oral e Escrita; Linguagens Visuais e Linguagens Corporais e Sonoras. Ao considerar as especificidades de cada uma delas, compreendemos que estão articuladas no cotidiano das instituições de educação infantil.

A linguagem surge a partir da interação entre sujeitos/mundo e é na troca de experiências entre pares que se dá a constituição da subjetividade humana. Isso porque aquilo que somos passa primeiro pelo outro, o que comunicamos ao outro interferirá na sua constituição, na sua identidade (VIGOTSKI, 1991).

Sendo assim, o trabalho pedagógico com a linguagem oral e escrita no contexto da educação infantil, deve contemplar sua função social, possibilitando o contato com esta linguagem em conexão ao seu uso cotidiano, convidando as crianças a serem as autoras de seus enredos. Desta forma, a perspectiva histórica da criação de sentidos, da expressão e comunicação, objetiva permitir que a criança desvende o mundo a sua volta e represente o vivido, de forma a ampliar, diversificar e complexificar a oralidade, o vocabulário e a representação gráfica.

Nessa mesma direção, a arte é compreendida como uma linguagem que possibilita diversas formas de representação, de expressão, de ler, de interpretar e de ‘transver’ o mundo. Assim, a linguagem visual na educação infantil é “uma forma de representação e expressão que opera por meio de cores, formas, linhas, volumes, gestos e sons para criar imagens. Uma forma de comunica-

ção que serve para dizer o que as palavras não dizem” (ALBANO, 2004, p.46). Na educação infantil, compreendemos que essa percepção se dá pela sensibilização dos cinco sentidos, pois a criança se relaciona com o mundo em sua inteireza, onde pensamento-sentimento-sensação-percepção atuam integrados.

Sob esta perspectiva, a linguagem visual requer conhecimento, planejamento e constância, portanto, não diz respeito à transmissão de informações, assim como, não é algo natural, pauta-se numa experiência social de ampliação de repertório e possibilidades de criação. Desse modo, faz-se necessário o seu planejamento no cotidiano da instituição educativa, sendo que esta não pode ser reduzida, tão somente, aos tais “dias especiais” da semana, ou ainda, quando sobra um tempo para a mesma, configurando-se como práticas esporádicas. Destacamos ainda, mais importante que a variedade de proposições, a possibilidade de construir um conhecimento significativo.

Acreditar no processo da criança, na sua autoria, na sua capacidade de propor ideias, de fazer escolhas, usar os materiais de maneira responsável para dar forma ao invisível, é o pressuposto de todo planejamento.

Outrossim, o corpo como estrutura biológica humana precisa ser percebido na sua totalidade, conectado à cultura, às práticas sociais e ao conhecimento. Nesta perspectiva, consideramos a corporeidade como superação da percepção do corpo meramente biológico, pois esta se constitui na história de cada sujeito e extrapola a concepção do movimento apenas como deslocamento. Assim, a corporeidade percebe o movimento carregado de sentidos culturais e sociais, ela depende da subjetividade do ser humano.

A corporeidade dá contornos para os modos de ser, estar, sentir e se comunicar no mundo. Para além da individualidade, ela se traduz na interação entre sujeitos, seus corpos em relação aos outros e também em relação ao espaço. Nesse sentido, ressaltamos a autenticidade da corporeidade, pois ela é singular de cada um, ela se constitui no indivíduo histórico, cultural e social: é o corpo que se expressa a partir das experiências deste sujeito.

A prática pedagógica com base na linguagem sonoro-corporal deve possibilitar a ampliação, diversificação e complexificação das expressões corporais, por meio da organização dos espaços que privilegiem a exploração de movimentos e sons, que podem ser produzidos pelas crianças, ou não, com instrumentos, outros materiais ou pelo próprio corpo, possibilitando sua criação e expressão. Como afirma Ayoub (2001, p. 58):

Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entra em contato com diferentes manifestações da cultura corporal (entendida como as diferentes práticas corporais elaboradas pelos seres humanos ao longo da história, cujos significados foram sendo tecidos nos diversos contextos socioculturais), sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, as ginásticas, as danças e as atividades circenses [...].

Tendo isto presente, organizamos as proposições nestas linguagens, considerando o aspecto estético cultural, a ampliação e diversificação dos repertórios, em especial por meio das interações criança/criança e criança/adulto e a organização do tempo, do espaço e dos materiais, visando sempre à qualificação do trabalho educativo-pedagógico.

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA



Poeminha em língua de brincar

*Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.
Falava em língua de ave e de criança.
Sentia mais prazer de brincar com as palavras do que de pensar com elas.
Dispensava pensar.
Quando ia em progresso para árvore queria florear.
Gostava mais de fazer floreios com as palavras do que de fazer ideias com elas.
Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria
de rir.
Contou para a turma da roda que certa rã saltara sobre uma frase dele
E que a frase nem arriou.
Decerto não arriou porque tinha nenhuma palavra podre nela.
Nisso que o menino contava a estória da rã na frase*

*Entrou uma Dona de nome Lógica da Razão.
A Dona usava bengala e salto alto.
De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou:
Isso é Língua de brincar e é idiotice de criança
Pois frases são letras sonhadas, não têm peso, nem consistência de corda para
aguentar uma rã em cima dela
Isso é língua de raiz – continuou
É língua de Faz de conta
É língua de brincar!
Mas o garoto que tinha no rosto um sonho de ave extraviada
Também tinha por sestro jogar pedrinhas no bom senso.
E jogava pedrinhas:
Disse que ainda hoje vira a nossa Tarde sentada sobre uma lata ao modo que um bentevi
sentado na telha.
Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:
Mas lata não aguenta uma Tarde em cima dela, e ademais a lata não tem espaço para caber uma
Tarde nela!
Isso é língua de brincar
É coisa-nada.*

*O menino sentenciou:
Se o Nada desaparecer a poesia acaba.
E se internou na própria casca ao jeito que o jabuti se interna.
(Manoel de Barros)*

Para todos os grupos:



Organizar tempos para a leitura, para participar de rodas de histórias, frequentar bibliotecas, cinema, teatro, Clube da Leitura, Ciranda Literária, Ciclo de Leitura e outros espaços que privilegiem o encontro com a poesia, com a tradição oral, para escrever suas histórias em prosas e versos, para descobrir novos autores, poetas, para ter elementos para compor os planejamentos.

Escutar e observar atentamente as crianças, falar-lhes de modo não infantilizado, preocupando-se com a entonação da voz, com a respiração, sentindo sua própria fala, o ritmo e o movimento de seu corpo.

Estabelecer ações dialógicas que não considerem apenas aquilo que o adulto propõe ou diz, mas também aquilo que as crianças têm a dizer, incentivando-as a comunicarem-se com os pares e com os adultos, expressarem seus desejos e considerarem estes indicativos para o planejamento do trabalho com as crianças.

Cuidar com os adjetivos e os estereótipos - diminutivos, apelidos, falsos elogios, ironias, entre outros.

Iniciar diálogos com as crianças, estando atento às suas manifestações, constituindo respostas que de fato as consideram, lembrando que o tempo e a forma de resposta das crianças podem ser diferentes da dos adultos ou daquilo que eles esperam.

Organizar e ampliar, permanentemente, o acervo literário para pesquisa e planejamento, com objetivo de ampliação do repertório profissional.

Ler e/ou contar histórias com auxílio dos seguintes recursos: digitalização de imagens, transparências e retroprojetor (ilustrações dos livros projetadas em dimensões variadas, ilustrações das histórias criadas pelas próprias crianças), teatro de bonecos, dedoches, marionetes, teatro de sombras (com imagens criadas pela disposição das mãos, com bonecos e/ou objetos, com o corpo todo).

Ler poemas e histórias de diferentes escritores/poetas, bem como inventadas pelas profissionais em diferentes tempos e espaços: na roda, nos momentos de alimentação, descanso, no parque, na hora do banho, nos momentos de acolhida/despida. Considerar os modos próprios de escuta dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas (às vezes paradas, sentadas, deitadas, gesticulando sob o som da narrativa, com brinquedos nas mãos, em movimento).

Organizar contações de histórias em ambientes diversificados: na casinha do parque, embaixo da árvore, em cabanas, tendas temáticas com tecidos pendentes, e/ou mesmo para além dos muros da instituição: na areia da praia, no campo de futebol, no Parque Florestal, na praça, nas dunas, na beira da lagoa, no museu.



Incluir, na seleção de materiais, diversos gêneros literários, como livros de arte, gibis, jornais, revistas, livros em braile, álbuns de figurinhas, revistas científicas, e outros materiais impressos em línguas estrangeiras, enciclopédias, entre outros.

Socializar poemas, versos, contos, crônicas, textos jornalísticos, histórias, músicas, assim como promover a participação das famílias nestas propostas.

Realizar registro fotográfico, escrito, audiovisual e socializar esta produção por meio de painéis, murais, material impresso, como jornal do grupo e/ou da instituição.





Planejar a organização de bibliotecas e espaços para os livros nos diferentes lugares das instituições ao acesso das profissionais, crianças e famílias.

Planejar a gravação de cenas cotidianas das crianças com recursos audiovisuais e apresentá-las posteriormente, observando as relações por elas estabelecidas.



Criar e planejar momentos de saraus literários e o contato com escritas em prosa e verso, em meio impresso e digital, elaboradas por outras crianças de diferentes etnias, idades e culturas.

Frequentar bibliotecas de outras instituições de educação infantil e escolas, de centros comunitários, bibliotecas abertas ao público, livrarias e feiras, circulando entre livros e espaços não apenas destinados à literatura para crianças, mas descobrindo outras seções.

Oportunizar para as profissionais, crianças e famílias momentos de encontros com autores, ilustradores de livros e contadores de histórias.

Disponibilizar ao alcance das crianças:

- 1- livros em língua materna e estrangeira, possibilitando que as crianças entrem em contato com escritas e culturas diversas;
- 2- livros com e sem imagens/ilustrações, livros de tecido e em outras texturas, livros sonoros;
- 3- literatura contemporânea;
- 4- livros em quadrinhos (produzidos por diferentes editoras e nacionalidades);
- 5- jornais e revistas diversificados de cunho científico e tecnológico, literário, artístico, de arquitetura e urbanismo, paisagismo e jardinagem, variedades, automobilismo, navegação, esportes, moda, cabelos, entre outros, em língua nacional e estrangeira;
- 6- literatura de cordel, contos, lendas e mitos locais e globais (açorianos, gregos, africanos, indianos, indígenas e outros);
- 7- livros de contos, poesias, rodas cantadas, parlendas;
- 8- livros em braile, materiais em libras;
- 9- dicionários (de diversas línguas), livros de diferentes áreas do conhecimento: biologia, física, história, geografia, português etc;
- 10- listas telefônicas, agendas telefônicas;
- 11- catálogos, encartes, folders, folhetos de produtos;
- 12- catálogos, folders e folhetos de exposições de arte;
- 13- mapas históricos, geográficos (novos e antigos), cartas náuticas.

Bebês:



Narrar aos bebês às ações desenvolvidas com eles, antecipando a ação, por exemplo, a troca de fraldas, o banho, a alimentação, o acalanto no momento do sono e nas brincadeiras, para que eles, aos poucos, percebam as diversas possibilidades de comunicação.

Perceber as diferentes formas de comunicação dos bebês, qualificando o diálogo com seus pares e profissionais e exercendo o toque como uma das formas para construir relações afetivas, expressivas e comunicativas.



Ampliar a complexidade de desafios e vocabulário, no uso da linguagem oral nas situações cotidianas, como por exemplo, o acesso a pessoas, materiais e objetos (água, brinquedos, alimentos), oportunizando a participação direta dos bebês.



Proporcionar momentos de exploração de músicas e sons que contemplem o desenvolvimento da linguagem oral, gestual e corporal.

Cantar para e com as crianças músicas, cantigas de diferentes ritmos e enredos, utilizando instrumentos variados.

Organizar, ao alcance dos bebês, livros com diferentes materiais, formas, tamanhos e texturas, como de tecido, de plástico (banho), com efeito sonoro, fotos das crianças, animais, objetos, em três dimensões, livros bem grandes e outros bem pequenos, com texto escrito ou sem escrita, entre outros, pois é desta forma que o bebê vai se apropriando do livro como instrumento de leitura.



Colocar suportes com materiais literários, que podem ser nomeados de caixa mágica, baú do tesouro, saco surpresa, cesto da imaginação, todos ao acesso dos bebês na sala, na casinha do parque, corredores, embaixo da árvore, entre outros.



Disponibilizar e possibilitar que os bebês tenham acesso a materiais diversos para descoberta dos traços, explorando-os com o corpo, sentindo as texturas e sensações destes materiais, com os quais ele possa deixar marcas em diferentes superfícies.

Disponibilizar, nos espaços internos e externos da instituição, elementos que permitam e instiguem os bebês a deixarem marcas, ao desenharem na areia, na terra, na calçada, nos muros revestidos de piso, em quadros verdes ou brancos, em papelão e papéis de diferentes gramaturas, cores, tamanhos e transparências, utilizando-se de giz de cera, giz pastel, carvão, tintas (apropriadas para a idade),

rolinhos, esponjas e pincéis de vários tamanhos, possibilitando o processo de apropriação do desenho como forma de representação.

Apresentar livros com imagens e textos, produzir livros com fotos das crianças, para desenvolver as relações com a linguagem oral e escrita.

Organizar e expor, em diferentes espaços da creche, fotos dos bebês identificadas com o nome, possibilitando o reconhecimento da identidade de cada um pelas famílias e outros sujeitos que circulam pela unidade.

Identificar os pertences dos bebês, por meio de fotos, imagens, nome, para possibilitar o reconhecimento da identidade e a percepção de pertencimento neste espaço coletivo.

Contar, ler, recontar e ouvir diariamente histórias de diferentes gêneros literários, culturas e etnias, individualmente ou em grupo, para promover a fruição da leitura, fortalecer os processos de imaginação e assegurar aos bebês o contato com cenários aconchegantes, desafiadores e diversos.

Estabelecer relação com o contexto das histórias, na construção da leitura com os bebês, proporcionando situações em que possam vivenciar os enredos, desde o contato com os personagens, figurinos, imagens e livros. Disponibilizar, também, teatro de bonecos, organizar cenários, trajar-





se com apetrechos, construir máscaras, que possibilitem aos bebês, explorar estes materiais, ingressar no mundo imaginário e ampliar seus repertórios de comunicação.

Possibilitar, aos bebês, saídas a teatros, bibliotecas, proporcionando o contato com histórias em diferentes performances e ambientes que promovam a leitura e fruição, considerando a importância do acesso dos bebês a estes espaços.

Organizar os espaços com diferentes imagens e produções textuais expostas ao alcance dos

bebês, para que eles tenham contato com a linguagem escrita.



Criar momentos de empréstimo de livros para os bebês e famílias, disponibilizando o acervo da instituição de modo que possam levá-lo para casa periodicamente.

Possibilitar que os bebês, a seu modo, contem, recontem e compartilhem histórias com outras crianças.





vação e registro deste movimento pelas profissionais.

Disponibilizar CDs e outras gravações em áudio com sons, histórias, falas e narrativas diversas.

Organizar os ambientes com fotos dos bebês ao seu alcance, no chão, em tapetes ou paredes, para que possam identificar a si e a seus pares, percebendo as diferentes formas de representação da realidade. Esta exposição também pode ser organizada com projeção em data show e retroprojektor.

Possibilitar, aos bebês e suas famílias, o acesso às mídias, configuradas como meios e tecnologias que contemplam: fotografia, vídeo, livro, data show, CDs e DVDs, para ampliar o conhecimento das diferentes formas de representação da realidade.

Disponibilizar cenas cotidianas, registradas em audiovisual, para que os bebês possam se perceber e a seus pares nos diferentes espaços, com a obser-

Crianças bem pequenas:



Criar estratégias para que a criança sinta-se parte integrante do grupo, respeitando seu modo de ser e suas preferências, incentivando a aquisição da autonomia e a convivência no coletivo.

Oportunizar que as crianças expressem seus desejos, angústias, sensações e demais sentimentos de diferentes formas.

Possibilitar ações que auxiliem a desenvolver e ampliar a fala e o vocabulário das crianças, ao organizar situações e espaços que privilegiem e desafiem a fala e a escuta nos momentos de conversas, brincadeiras no parque, na sala, nos momentos de contação de histórias, de higiene e de alimentação.



Organizar espaços acolhedores para a leitura, exploração e interação, bem como possibilitar que as crianças os reorganizem e recriem de acordo com as suas necessidades.

Oportunizar o contato com obras literárias variadas, em espaços diferenciados, dentro e/ou fora da sala de referência como em corredores, hall, refeitório, banheiros e espaços externos. Em outros momentos, disponibilizar histórias elencadas pelas profissionais instigando a curiosidade e o gosto pela narração de livros com ou sem escrita.



Colocar suportes (cestos, malas, sacolas, carrinhos, estantes itinerantes, caixa mágica, baú do tesouro, saco surpresa, cesto da imaginação) com materiais literários ao acesso das crianças, na sala, na casinha do parque, corredores, embaixo da árvore, entre outros, para que as crianças possam manusear e explorar com autonomia estes materiais.



Contar, ler, recontar e ouvir diariamente histórias de diferentes gêneros literários culturas e etnias, para promover a fruição da leitura, fortalecer os processos de imaginação e assegurar às crianças o contato com cenários aconchegantes, desafiadores e diversos.

Disponibilizar suportes materiais, como papéis de diferentes formas, tamanhos e texturas, cadernos, bloquinhos, agendas, canetas, lápis, giz, jogos de palavras, carimbos para exploração/descoberta do grafismo e da escrita.



Oferecer suportes fixos e móveis (mesas e cadeiras, bancos, bancadas), dispostos em diferentes ambientes para que as crianças possam utilizar de apoio para as suas brincadeiras que envolvam o desenho e a escrita.

Organizar espaços que possibilitem a criação de enredos de brincadeiras

em que a escrita apareça em seu uso cotidiano. Por exemplo, salão de beleza e consultório médico, com agenda para marcar horários.

Expor vivências das crianças na composição de painéis, à sua altura, e relatar a elas as informações descritas, enfatizando a função social da escrita.

Registrar as vivências das crianças de diferentes formas, inclusive por meio de textos coletivos, tendo o adulto como escriba, para que elas possam reconhecer o uso social da escrita e as possibilidades de registro do vivido.

Proporcionar momentos em que a professora possa individualmente escrever para a criança aquilo que ela deseja comunicar e não soletrar letras isoladamente, no sentido de tomar a escrita em sua função social e não o aspecto técnico.

Propor a complexificação da proposta de identificação do nome, que pode iniciar com a foto, depois com símbolos e com a escrita do nome.

Utilizar e valorizar o desenho como forma de registro.

Organizar, nos espaços internos e externos da instituição, a altura das crianças, quadros verdes e/ou quadros brancos para que elas façam seus registros.

Disponibilizar gravetos, pauzinhos e outros elementos que permitam e instiguem as crianças a deixarem marcas, desenharem, escrever na areia, na terra, no barro.

Disponibilizar canetas hidrocor, pincéis atômicos e para retroprojektor, giz de cera, giz pastel, lápis, grafite, carvão, lápis de cor, tintas do tipo guache, pincéis de vári-



os tamanhos, para as crianças deixarem marcas em papéis, papelão de diferentes gramaturas, cores e tamanhos e transparências, nas calçadas, nos muros revestidos de piso branco, dentre outras

bases.

Explorar a narrativa de diferentes histórias e informações, proporcionando à criança a interpretação e ampliação de seu vocabulário.

Organizar espaços com cenários, apetrechos e fantasias das personagens, para contar histórias com e para as crianças, possibilitando a dramatização e a vivência dos enredos.



Criar estratégias, como as sacolas com livros infantis, que as crianças levam sistematicamente para casa a fim de realizarem leituras compartilhadas com seus familiares.

Possibilitar o contato e a experiência com a representação de diferentes gêneros literários, o cantar



e declamar, o brincar com trava-línguas e cantigas de roda, a leitura, a escuta e criação de histórias e contos diversos por crianças e pelas profissionais responsáveis (direta ou indiretamente).

Oportunizar ambientes que possibilitem à criança a exploração, criação e representação de sons, instrumentos e musicais, proporcionando o desenvolvimento da linguagem oral, gestual e corporal, bem como tempos para que possam usufruir dessas produções.

Cantar para e com as crianças músicas, cantigas de diferentes ritmos, compassos e enredos, utilizando instrumentos variados, que contribuem para o desenvolvimento da oralidade, a compreensão de sonoridade e expressão corporal.

Oportunizar, cotidianamente, práticas de leitura e escrita, com momentos nos quais as crianças leiam, criem, narrem, cantem e encenem as suas próprias histórias, possibilitando representá-las de diferentes formas, dentre elas, desenhos, esculturas, produção de livros e tantas outras.

Promover momentos de conversa que valori-



zem o que as crianças têm a dizer de interessante, surpreendente, curioso ou que lhes causou estranhamento, medo e insegurança, para expressar as experiências que vivenciam cotidianamente.

Registrar os momentos do cotidiano em um quadro visível a todos, para que possam acompanhar e avaliar as vivências que são privilegiadas e aquelas que têm ficado fora dos planejamentos.

Propor, regularmente, oficinas de criação com diferentes enredos de histórias, organizando o espaço com fantoches, fantasias, cenários, livros e outros elementos que possam contribuir para esta proposta. Ouvir e registrar de diferentes maneiras estas histórias das crianças.

Organizar saídas a teatros, bibliotecas e cinemas, proporcionando o contato com histórias em diferentes performances e ambientes que promovam a leitura e fruição.

Agendar visitas a estações de rádio, televisão, estúdio fotográfico, exposições, gravadoras, gráficas e editoras, empresas de comunicação impressa, publicidade e propaganda.

Possibilitar a exploração de músicas, parlendas, adivinhas, apreciar o ritmo, a rima, o tempo, a estrutura das prosas e dos poemas, encontrar, criar e experienciar a poesia, incentivando as crianças a criarem jogos orais de palavras e sons.

Organizar os espaços, de maneira que os registros escritos das músicas, parlendas, poemas, estejam ao acesso das crianças para a exploração literária e cultural.

Possibilitar que as crianças, individualmente ou em pequenos grupos, contem, recontem e narrem histórias para outras crianças.



Planejar momentos para as crianças explorarem, de modo significativo, alguns textos mais empregados na gestão do dia-a-dia: agenda do dia, calendário, cardápio das refeições, lembretes, cartas, bilhetes, recados no mural da instituição, jornais, artigos de revistas, revistas infantis, dicioná-

rios, livros, mapas, globo terrestre, revistas científicas, receitas médicas, receitas culinárias, criação de livros, gráficos, blogs, e-mails, entre outros, possibilitando que as crianças vivenciem, percebam a escrita nos seus diferentes usos e funções sociais, ampliando assim seus horizontes comunicativos.

Criar diferentes possibilidades de intercâmbio (via e-mail, desenhos, cartas, bilhetes etc.) podendo ser entre as crianças de turnos diferentes, salas, instituições, regiões, nacionalidades.



Possibilitar às crianças e suas famílias o acesso às mídias, configuradas como meios e tecnologias que contemplam: cinema, computador, fotografia, vídeo, livro, data show, retroprojetor, CDs e DVDs, para ampliar o conhecimento das diferentes formas de representação da realidade.

Organizar tempos e espaços para que as crianças descubram e explorem o computador e as diferentes possibilidades que ele oferece à escrita, ao desenho e à comunicação, com ou sem o auxílio dos adultos, em momentos individuais e coletivos com outras crianças.

Propor momentos com DVDs de filmes infantis, documentários que contemplem a diversidade cultural e os diferentes grupos etários, disponibilizando assuntos de forma plural e ética, de modo a ampliar os repertórios culturais e linguísticos das crianças, sendo que este acervo deve sempre ser planejado e discutido cuidadosamente pelas profissionais antes das crianças terem acesso dentro da instituição.

Organizar vídeos ou gravações das falas e movimentos das crianças no cotidiano, incluindo a organização das brincadeiras e propostas, para que as crianças possam identificar sua voz e imagem, assim como, suas vivências e relações com seus pares.

Disponibilizar CDs e outras gravações em áudio com sons, histórias, falas e narrativas diversas.

Planejar exposição de fotos das vivências das crianças, organizadas ao alcance delas em móveis, paredes, armários, portas possibilitando a conversa, interação e narração das vivências.

Crianças pequenas:



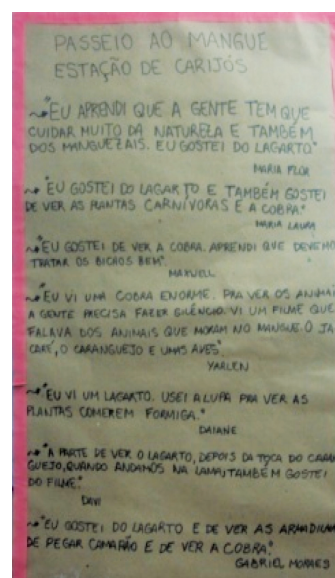
Construir relações afetivas, comunicativas e expressivas, incluindo os momentos privilegiados do cuidado diário.

Planejar e avaliar com as crianças a organização do tempo e espaço cotidiano, oportunizando que se expressem, manifestem suas intenções em momentos de conversa coletiva.

Promover momentos de conversa que valorizem o que as crianças têm a dizer e possam expressar as experiências que vivenciam cotidianamente.

Identificar quais os temas das conversas das crianças que se prolongam no tempo, que conceitos, concepções, estereótipos emergem em suas falas, considerando o que a professora sabe e pode desafiá-los a respeito destes assuntos e conceitos.

Valorizar a formulação de hipóteses buscando constantemente complexificar o seu vocabulário, os seus saberes e conhecimentos de forma a poder estabelecer conversas que problematizem e ampliem as referências das crianças, mediante fontes de consulta confiáveis.



Possibilitar momentos em que as crianças contem o que lhes aconteceu de interessante, surpreendente, curioso ou que lhes causou estranhamento, medo, insegurança, promovendo a complexificação do vocabulário. Registrar alguns desses momentos em um quadro visível a todos, para que possam acompanhar e avaliar as vivências que são privilegiadas no cotidiano e aquelas que têm ficado fora dos planejamentos.

Possibilitar ações que auxiliem ampliar a fala e o vocabulário das crianças, ao organizar situações e espaços que privilegiem e desafiem a fala e a escuta nos momentos de conversas, brincadeiras, nos momentos de contação de histórias, de higiene e de alimentação.



Realizar conversações e combinados de grupo que valorizem o respeito mútuo, a fala, a escuta, as trocas, a reciprocidade, a interação e considerem o ponto de vista das crianças.

Criar estratégias com as crianças que favoreçam a conquista da autonomia nas ações do cotidiano, na organização do tempo e espaços, nos momentos de higiene, alimentação e na resolução de conflitos.

Disponibilizar diversos gêneros textuais e obras literárias, apresentando diferentes materiais escritos, como produções em outros idiomas, partituras, mapas, gráficos, dicionários, receita médica, bula de remédio, livros, enciclopédias, lista telefônica, entre outros, para que as crianças percebam o uso cotidiano dos diferentes tipos de representação escrita.

Planejar momentos para as crianças explorarem, de modo significativo, alguns textos mais utilizados no dia-a-dia: agenda do dia, calendário, cardápio das refeições, lembretes, cartas, bilhetes, recados no mural da instituição, jornais, artigos de revistas, revistas infantis, lista telefônica, dicionários, enciclopédias, livros, mapas, globo terrestre, revistas



científicas, receitas médicas, bula de remédio, receitas culinárias, assim como produções em outros idiomas, partituras musicais e a criação de livros, gráficos diversos, blogs, e-mails, entre outros, possibilitando que as crianças vivenciem, percebam a escrita nos seus diferentes usos e funções sociais, ampliando assim seus horizontes comunicativos.

Disponibilizar suportes e materiais para exploração/descoberta dos traços e da escrita.

Possibilitar que as crianças tenham acesso a diferentes superfícies, como lixa, papéis, areia, quadros, azulejos, concreto e também, a

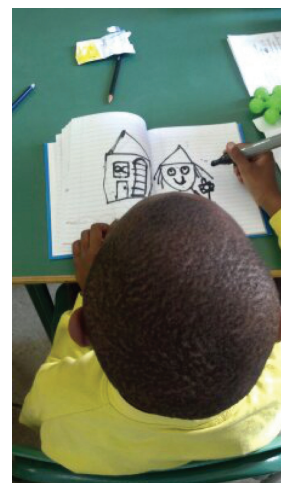


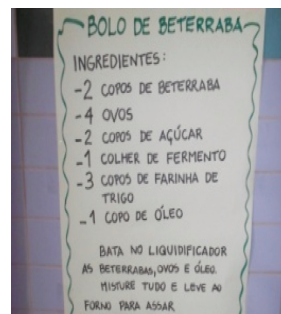
diferentes materiais como lápis, canetinhas, giz de cera, canetas, carvão, tinta, pincel, giz, gravetos, entre outros, para que elas possam fazer uso da escrita ao construir seus registros e produções literárias.

Organizar suportes móveis (como pranchetas) que permitam as crianças circularem pelo contexto da instituição e da comunidade local com apoio para o desenho e a escrita.

Disponibilizar gravetos, pauzinhos e outros elementos que permitam e instiguem as crianças a deixarem marcas, desenharem, escreverem na areia, na terra, no barro.

Disponibilizar canetas hidrocor, esferográficas, pincéis atômicos e para retro-projetor, giz de cera, giz de quadro, giz de cera, giz pastel, lápis, grafite, carvão, lápis de cor, tintas do tipo guache, pincéis de vários tamanhos, nanquim, para as crianças deixarem marcas em papéis, papelão de diferentes gramaturas, cores e tamanhos e transparências, nas calçadas, nos muros revestidos de piso branco, dentre outras bases.





Planejar e possibilitar, nas propostas de trabalho com as crianças, descobertas, formulações de hipóteses para que a escrita apareça de modo significativo e em conexão com seus usos cotidianos.

Proporcionar momentos em que a professora possa individualmente escrever para a criança a frase que deseja comunicar e possibilitar que ela escreva sozinha, formulando suas hipóteses sobre a escrita.

Possibilitar o acesso aos diferentes gêneros textuais, ofertar a visualização da escrita de outras línguas associadas à sua cultura, como o braile e libras.

Possibilitar que as crianças escrevam seus nomes e de seus pares, e produzam textos mesmo sem saberem ler e escrever formalmente.

Elaborar textos coletivos em que a professora é a escriba e as crianças as autoras, sendo que além de escrever o texto com as ideias das crianças, também é papel da professora



ajudá-las a estruturá-lo, de modo que se torne legível para todos, com respeito às ideias originais das crianças.

Elaborar com as crianças dicionários com imagens e palavras que elas têm interesse, para conhecer o significado, ampliar o vocabulário, subsidiar as tentativas de escrita e compreender a organização e função deste material.

Produzir com as crianças diferentes gêneros textuais, como a carta enigmática, histórias em quadrinhos, poemas, textos informativos, receitas culinárias, entre outros, que estejam relacionados ao que as crianças vivenciam.

Organizar, nos espaços internos e externos da instituição, quadros verdes e/ou quadros brancos, à altura das crianças, para que elas façam seus registros e formulem suas hipóteses sobre a escrita.

Ampliar as possibilidades de identificação do nome, a partir de situações significativas observadas no grupo, incluindo o acesso a documentos oficiais como identidade, carteira de estudante, título de eleitor, certidão de nascimento, carteira de motorista, em que a escrita do nome apareça relacionada à função social.

Possibilitar momentos significativos com o nome da criança para construir e marcar a sua identidade em seus pertences e suas produções, bem como, a leitura dos nomes das demais crianças e dos adultos da instituição e de fora dela.



Organizar espaços que possibilitem a criação de enredos de brincadeiras em que a escrita apareça em seu uso cotidiano. Por exemplo, salão de beleza e consultório médico com agenda para marcar horários.

Colocar suportes (cestos, malas, sacolas, carrinhos, estantes itinerantes, caixa mágica, baú do tesouro, saco surpresa, cesto da imaginação) com materiais literários ao acesso das crianças, na sala, na casinha do parque, corredores, embaixo da árvore, entre outros, para a leitura, exploração e interação.

Propor regularmente oficinas de criação de diferentes enredos de histórias, organizando o espaço com fantoches, fantasias, cenários, livros e outros elementos que possam contribuir para esta proposta.

Possibilitar que as crianças, individualmente ou em pequenos grupos, contem, recontem, encenem e narrem histórias, proporcionando a partilha e socialização entre as crianças e adultos.

Ler, (re)contar e ouvir diariamente histórias de diferentes gêneros literários e culturais, para promover a fruição da leitura, fortalecer os processos de imaginação e assegurar às crianças o contato com cenários aconchegantes, desafiadores e diversos.

Criar com as crianças dramatizações de diferentes gêneros literários, histórias, poemas, contos, fábulas, trava-línguas, por crianças e pelas profissionais responsáveis (direta ou indiretamente).

Organizar os espaços, de maneira que os registros das músicas, parlendas, rimas, poemas, estejam ao acesso das crianças para a exploração literária, musical e de outros elementos culturais.

Instigar as crianças a criarem jogos orais de palavras e sons, que possam ser registrados, também, com a escrita.

Oportunizar, cotidianamente, práticas de leitura e escrita, com momentos nos quais as crianças



leiam, criem, narrem, cantem e encenem as suas próprias histórias, possibilitando representá-las de diferentes formas, dentre elas, maquete, desenhos, esculturas, produção de livros e tantas outras.

Agendar visitas à estações de rádio, televisão, estúdio fotográfico, exposições, gravadoras, gráficas e editoras, empresas de comunicação impressa, publicidade e propaganda, possibilitando que as crianças conheçam as mais variadas formas de comunicação.

Organizar visitas as bibliotecas, em diferentes lugares, como bibliotecas municipais, universitárias, públicas ou privadas, oportunizando a compreensão da biblioteca como espaço de pesquisa, que organiza os livros, permite a exploração de diferentes narrativas e gêneros textuais, disponível

ao acesso público, com profissionais especializados. Um ambiente que proporciona a ampliação dos repertórios literário, intelectual, cultural e a fruição.

Organizar momentos de pesquisas sobre as diferentes culturas e a partir destes materiais, propor a contação de histórias que valorizem a diversidade cultural.

Criar momentos de empréstimo de livros para as crianças e famílias, disponibilizando o

acervo da instituição, de modo que possam levá-los para casa periodicamente e realizarem leituras compartilhadas.



Organizar saídas a teatros e cinemas para possibilitar o acesso a histórias em diferentes performances.

Criar intercâmbio (via e-mail, desenhos, cartas, bilhetes etc.) entre as crianças de diferentes turnos, salas, instituições, regiões, nacionalidades, para que elas tenham a possibilidade de comunicar-se com o outro, independentemente da distância e, assim, conhecer as diversas formas de escrever e, também, os elementos de outras culturas, promovendo trocas significativas.

Possibilitar às crianças e suas famílias o acesso às mídias, configuradas como meios e tecnologias que contemplam: cinema, computador, fotografia, vídeo, livro, data show, CDs e DVDs, para ampliar o conhecimento das diferentes formas de representação da realidade.

Organizar tempos e espaços para que as crianças descubram e explorem o computador e as diferentes possibilidades que ele oferece à escrita, ao desenho e a comunicação, com ou sem o auxílio das profissionais, em momentos individuais e coletivos com outras crianças.



Propor momentos com DVDs de filmes infantis, documentários que contemplem a diversidade cultural e os diferentes grupos etários, disponibilizando assuntos de forma plural e ética, de modo a ampliar os repertórios culturais e lingüísticos das crianças, sendo que este acervo deve sempre ser planejado e discutido cuidadosamente pelas profissionais antes das crianças terem acesso dentro da instituição.

Disponibilizar CDs e outras gravações em áudio com sons, histórias, falas e narrativas diversas.

Possibilitar momentos em que as crianças possam organizar performances, a construção de enredos de brincadeiras com a autoria e vivências que incluam a participação direta das crianças, registradas por meio de filmagens e socializadas com elas para que possam perceber seus movimentos e interações.

Propor momentos, intencionalmente planejados, com músicas e vídeos, para que as crianças possam usufruir destas produções, ampliando o repertório cultural e possibilitando que elas criem, interpretem e narrem outros enredos de vídeos e músicas, produzindo cultura.

LINGUAGENS VISUAIS:

PAUL KLEE



*Os olhos como barcos,
entro escondida
num quadro do Klee.
O céu é a rua,
e o equilibrista,
quase sem respirar,
me ensina os segredos da vida.
Sobretudo, ele me diz,
é preciso saber conservar
as pernas no ar
e manter o olhar perdido;
Carregar pedaços de lua
no pensamento e sonhar.
A vida é pura navegação
e saio do quadro
como um pássaro invisível.*

(Rosana Murray)

Para todos os grupos:



Organizar o cotidiano de forma a respeitar os cenários compostos pelas crianças, seja nas brincadeiras, seja nas instalações ou demais produções, não os desmontando em virtude da rotina, mas, possibilitando que as crianças possam dar continuidade aos enredos construídos.



Organizar o tempo considerando a heterogeneidade de ritmos das crianças, bem como a constância das propostas, no sentido de que as crianças possam dedicar-se às suas experimentações e produções de modo intenso, assim como possam retomá-las para dar continuidade.

Perceber e enfatizar a riqueza do processo de descoberta, experimentação, sensação e criação, e não somente do produto final, que pode ser gerado a partir deste processo.

Considerar as crianças como autoras e protagonistas¹² das suas produções e, neste sentido, o trabalho com cópia, redução, ampliação de imagens e a releitura de obras de arte adotadas como práticas homogeneizadoras que devem ser evitadas, pois empobrecem os processos criativos.

¹² Ver sobre in: ALBANO, Ana Angélica. A Arte como base Epistemológica para uma Pedagogia da Infância. In: Caderno Temático II - Educação Infantil - Construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo, Janeiro 2004.



Observar, acompanhar e registrar os processos de criação da criança, compreendendo que a interferência da escrita das profissionais nesta produção desrespeita sua autoria.

Organizar e ampliar permanentemente o acervo de elementos com diferentes materialidades, sendo eles:

- 1) Elementos Naturais: água; terras e areias de diferentes cores e texturas; gravetos de diferentes tamanhos e espessuras; sementes de diferentes espécies, formas e tamanhos; folhas de diferentes tamanhos e espécies; tocos de madeiras; conchas; carvão; pigmentos naturais; pedras; cascas; penas; fogo; palitos; argila de diferentes cores; grude; grama plantada; esponjas naturais;
- 2) Elementos Sintéticos/industrializados: tampas de diferentes tamanhos, cores e formatos; botões, cordões de tamanhos e texturas diversas; potes de diferentes tamanhos, materiais e cores; canos de diferentes formatos e bitolas; tintas; lápis de cor; canetinhas hidrocor; aquarelas; cola colorida; cola branca; lápis pastel; giz de cera; massinha de modelar; canudos; escovas de dentes; pentes; pinças; rolos de papel de diferentes tamanhos; tesouras; esponjas; espumas; fibra sintética; vidros de diferentes tamanhos e formas; algodão; rolhas; materiais de metal: tampas de metal; espelhos; colheres de pau;
- 3) Suportes: papéis e tecidos de diversos tamanhos, formatos, cores, gramaturas e texturas; plásticos; placas de madeira; telas; jornais; revistas.

Organizar um ateliê que pode ser: uma caixa, uma prateleira, uma estante, um canto e/ou uma sala, contendo elementos de diversas materialidades que podem modificar-se periodicamente, considerando as proposições das profissionais e das crianças. Um ateliê com propósitos de brincadeira, autonomia, experiências, vivências, exploração, criação, sensações; autoria; expressão do sensível; leitura do mundo.

Promover o contato com obras de arte e/ou reproduções. Todas as obras e reproduções devem ser acompanhadas de ficha técnica com nome do autor, título (se possuir), ano, técnica, dimensões originais, fonte da reprodução, se for este o caso.

Bebês:



Criar situações para que os bebês possam ir desvendando e reconhecendo a si mesmos na relação com o outro e com o ambiente a sua volta, por meio dos sentidos (olfato, tato, visão, gustação e audição).



Disponibilizar aos bebês tempos e espaços com:

1. Cestos/caixas/suportes com objetos da natureza (pedras, sementes, gravetos, penas, algodão), para que possam explorá-los, considerando que a escolha destes materiais deve prever a segurança;
2. Cestos/caixas/suportes com diferentes materiais, como escova de cerdas macias, espelho com

moldura, colher de madeira ou de metal, que garantam a diversidade de tamanho, textura e formato, para que os bebês descubram e relacionem as características dos materiais;

3. Varal de cheiros, com saquinhos feitos de diferentes tecidos (voal, tule ou similares) que possam armazenar substâncias que exalem aromas diversos (ervas, essências naturais, grãos, entre outros), para possibilitar aos bebês a experimentação destes aromas e texturas.
4. Tecidos com diferentes tamanhos, cores, texturas, elasticidade e transparências, para possibilitar interações e brincadeiras.



Organizar os espaços da sala de referência com áreas de texturas macias e aconchegantes (tapetes, almofadas, rede, tecidos no teto), possibilitando aos bebês a exploração e a percepção destes ambientes e as sensações que estes provocam.

Planejar áreas e materiais variados para que os bebês tenham acesso e possam explorar, manusear, empilhar, tocar, mudar de lugar, reorganizar os espaços e elementos, de acordo com os seus interesses e curiosidades.

Assegurar aos bebês o contato com o espaço externo, possibilitando a constituição de repertórios a partir dos elementos da natureza e das sensações que este contato pode proporcionar.

Compor cenários com diferentes imagens e materiais, incluindo obras de artistas, mobiliário, elementos naturais, em espaços diversificados, como no teto, nas paredes e no chão, que atraiam o olhar dos bebês para a descoberta, a interação e a contemplação, ampliando o seu repertório visual e tátil.



Planejar os espaços, em frente ao espelho, com almofadas, tules e outros suportes materiais que convidem os bebês a explorar enredos de brincadeiras, considerando a importância de perceber a si mesmo e o outro por meio da imagem refletida.

Proporcionar aos bebês, o contato e o manuseio de materiais como argila e massa de modelar caseira, possibilitando a sensação das texturas, viscosidade e plasticidade, assim como a percepção das diferentes formas, impressões e marcas deixadas por eles.

Possibilitar o acesso a estruturas tridimensionais visuais, como móveis, cabanas, túneis, para que possam explorar e brincar nestes espaços.



Disponibilizar materiais sonoros como sinetas, chocalhos, tambor, apito, flauta, tocos de madeira, casca de coco, colheres, tampas para que os bebês explorem e descubram as suas características e possibilidades sonoras.

Oportunizar momentos com diferentes gêneros musicais, para ampliação do repertório dos bebês, proporcionando um ambiente de sensações e fruição. Ressalta-se que a seleção deste repertório deve prever a ampliação cultural e não a reprodução dos produtos culturais massificados.

Oportunizar momentos de contato com a arte literária (poesia, histórias, contos), para que os bebês percebam as performances: a voz, o olhar, o movimento; e as diferentes materialidades: os tamanhos, as cores, as formas, as texturas e imagens.

Organizar os espaços considerando, intencionalmente, a dimensão estética dos ambientes, que inclui o cuidado, o acesso e a disposição dos brinquedos e materiais (bonecas, jogos, carros, louças, bolas, mobiliário, redes, mesas) para que os bebês tenham possibilidades de percepção estética.

Propor situações de uso de lanternas, jogos de luzes coloridas e outros suportes materiais que projetem luz, para que os bebês manuseiem, brinquem e percebam o movimento da luz, projeções e sombras.

Organizar ambientes com estruturas suspensas, revestidas com materiais



translúcidos e de diversas cores, como papel celofane, tecidos transparentes, para que os bebês tenham a possibilidade de perceber o espaço com outras perspectivas.

Revestir os espelhos e objetos espelhados que refletem imagens (papel alumínio, bandejas, panelas, colher de metal) com materiais opacos de formatos variados (papel pardo, tecidos com diversas espessuras), para que os bebês possam explorar o reflexo em diferentes perspectivas.

Expor os registros fotográficos dos bebês, em diferentes espaços da instituição, como sala de referência, corredores, hall, área externa, para que possam perceber a si mesmos e a dimensão estética da linguagem visual, representada por meio da imagem fotográfica.

Disponibilizar aos bebês papéis de diferentes formas, tamanhos, dimensões, texturas e cores, e materiais para registro como giz de cera, pincéis, rolinhos, esponjas, tintas naturais e industrializadas, em diversos ambientes da unidade, para que os bebês se constituam como autores, experimentando e explorando essas materialidades e descobrindo as possibilidades gráficas da linguagem pictórica. Ressalta-se que a riqueza do processo está na exploração das materialidades e não no produto final.

Organizar espaços, materiais adequados e tempos suficientes para que os bebês possam experimentar a linguagem pictórica do desenho. A experimentação dos materiais e das diferentes pos-





sibilidades de registro possibilita a inserção dos bebês nessa linguagem, contribuindo para desenvolvimento da sua imaginação e processo criativo.

Expor as produções plásticas dos bebês para compor a estética do ambiente, possibilitar a socialização destas entre os sujeitos da unidade e reconhecer sua autoria.

Organizar ambientes com caixas, pedras, folhas secas, conchas, pinhas, sementes, areia, tampinhas, cordas, botões grandes e outros materiais ao acesso dos bebês, para que eles possam brincar.

Disponibilizar tintas industrializadas e/ou naturais, organizadas em diferentes momentos, ambientes e suportes bidimensionais (papéis, tecidos, plásticos) ou tridimensionais (caixas, guarda-chuvas, mobiliário, caixa de frutas), oferecendo possibilidades de tonalidades com a utilização de uma ou mais cores, para que os bebês toquem, experimentem, deixem marcas e descubram as cores e texturas.



Possibilitar que os bebês manuseiem e explorem com todo o corpo, materiais pigmentados ou não, como tinta, grude, massinha de modelar, argila, para que expressem sua corporeidade na interação com o outro, com o espaço e com os materiais.

Organizar passeios em parques, bosques, projetos de preservação, fazendas, possibilitando aos bebês a exploração e a sensação da amplitude do mundo e da natureza.

Disponibilizar recipientes com água e areia, com aberturas de diferentes tamanhos, como conta gotas, ampulhetas, garrafas, baldes, funis, canos, para que os bebês percebam e experimentem a fluidez e textura destes elementos.

Crianças bem pequenas:



Proporcionar às crianças a exploração dos sentidos (olfato, tato, visão, gustação e audição), para que elas possam desvendar o ambiente a sua volta, reconhecer a elas mesmas e ao outro na relação com este ambiente, ampliando sua percepção.

Organizar ambientes, ao alcance das crianças, com cestos/caixas/suportes com elementos da natureza (pedras, sementes, gravetos, penas, algodão) que podem ser coletados com elas, para que possam explorá-los, compor cenários e construir enredos de brincadeiras com estes materiais.



Possibilitar às crianças a experimentação de aromas e texturas diversas, com suportes que possam armazenar substâncias que exalem seus cheiros (chás, ervas, essências naturais, grãos, entre outros), para que elas percebam e reconheçam as diferentes sensações provocadas por esses elementos.

Disponibilizar cestos/caixas/suportes com diferentes materialidades, sendo elas, naturais e/ou sintéticas, como escova de cerdas macias, espelho com moldura, colher de madeira ou de metal, vidro, que garanta a diversidade de tamanhos, texturas e formatos, para que as crianças explorem as características dos materiais e construam cenários com eles.



Organizar os espaços da sala de referência com e para as crianças, com materialidades de texturas macias e aconchegantes (tapetes, almofadas, rede, tecidos de diferentes tamanhos, cores, texturas, estampas, elasticidade e transparências), possibilitando às crianças a percepção e escrever a sensação destes ambientes, a exploração visual e tátil, e a criação de enredos de brincadeiras nestes espaços.

Planejar com e para as crianças materiais variados e acessíveis, para que possam explorar, manusear, seriar, empilhar, tocar, mudar de lugar, reorganizar os espaços e elementos de acordo com os seus interesses e curiosidades, compondo cenários e brincadeiras.

Compor cenários com e para as crianças, utilizando diferentes imagens, incluindo obras de artistas plásticos, materiais recicláveis, mobiliário, elementos naturais, produções das crianças (no teto, nas paredes e no chão), que possibilitem a criação, descoberta, interação e contemplação, ampliando o repertório das sensações.

Planejar espaços com espelhos, suportes materiais e estruturas móveis, com acessórios, lenços, pintura facial, entre outros, que convidem as crianças a criarem enredos de brincadeiras que envolvam a descoberta da percepção estética de si e de seus pares.





Proporcionar às crianças, a produção plástica com materiais como argila e massa de modelar, possibilitando a sensação das texturas, viscosidade e plasticidade, assim como a percepção das diferentes formas, volume e dimensões construídas por elas.

Possibilitar o acesso à materiais com texturas e formatos diversos (materiais recicláveis, caixas, tecidos e outros suportes materiais), para criações tridimensionais plásticas e visuais, como móveis, móveis, cabanas, túneis, com a participação das crianças.

Disponibilizar materiais como sinetas, chocalhos, tambores, apitos, flautas, tocos de madeira, cascas de coco, colheres, tampas, entre outros, para que as crianças (re)criem sons, explorem e descubram as sensações que as diferentes sonoridades podem provocar.



Oportunizar momentos com diferentes gêneros musicais, que possibilitem a exploração da expressão corporal, ampliação de repertório e um ambiente de sensações e fruição.

Ressalta-se que a seleção deste repertório deve prever a ampliação cultural e não a reprodução dos produtos culturais massificados.

Oportunizar momentos de contato com a arte literária (poesia, histórias, contos), para que as crianças percebam as possibilidades de performances, encenem e explorem os enredos e materiais, descobrindo cores, texturas e imagens.



Organizar os espaços para e com as crianças, contemplando o cuidado com os objetos e materiais, o acesso e a disposição dos brinquedos (bonecas, jogos, carros, louças, bolas, mobiliário, redes), considerando a diversidade étnica, de gênero, social e cultural na seleção e criação das imagens que irão compor os cenários deste espaço, valorizando a autoria e a construção da percepção estética.



Disponibilizar lanternas, jogos de luzes coloridas e outros suportes materiais que projetem luz, para que as crianças explorem, brinquem, percebam o movimento da luz e as projeções que estes materiais podem promover, como sombras de diferentes formatos, levantando hipóteses sobre estes eventos visuais.



Organizar ambientes com estruturas diversas, revestidas com materiais translúcidos, como papel celofane, tecidos transparentes de diversas cores e materiais tridimensionais, para que as crianças tenham a possibilidade de perceber o espaço em outras perspectivas e dimensões.

Revestir os espelhos, globos espelhados ou outros objetos que refletem imagens, com materiais opacos (papeléis, tecidos), organizados com formatos e tamanhos variados, para as crianças observarem formas variadas.

Expor os registros fotográficos das crianças e das suas produções, em diferentes espaços, como: sala de referência, corredores, hall, áreas externas, para que possam identificar-se e identificar outras crianças.

Organizar para e com as crianças papéis de diferentes formas, tamanhos, texturas e cores, e materiais como lápis, canetinhas, giz de cera, pincéis, rolinhos, esponjas, tintas naturais e industrializadas, carvão, em diversos ambientes da unidade, para descoberta das possibilidades gráficas da linguagem pictórica.

Expor as produções plásticas das crianças para compor a estética do ambiente, possibilitando a socialização destas entre os sujeitos da unidade e o reconhecimento de sua autoria.





Disponibilizar pinturas, fotografias, esculturas, instalações, que possam abarcar diversas formas de expressão de sentimentos e sensações, para possibilitar a ampliação de repertório e contribuir na percepção da linguagem pictórica como forma de representação.

Registrar as hipóteses das crianças sobre a criação das obras de arte com as quais têm contato, assim como seus sentimentos e descobertas di-

ante das obras. Essa proposta amplia as possibilidades de relação das crianças com as obras de arte, superando as propostas reducionistas voltadas para a cópia e a releitura.

Organizar espaços e materiais adequados e tempos suficientes para que as crianças possam desenvolver de modo qualificado a linguagem pictórica do desenho. Nesses momentos a observação e registro das profissionais são fundamentais, no sentido de acompanhar os processos de criação e provocar as crianças, por meio da mediação e disponibilização de referências, a ampliarem sua capacidade comunicativa por meio desse registro.

Organizar para e com as crianças a realização de desenhos e pinturas, utilizando as mãos, os pés, o corpo, e com suportes em diferentes planos: deitados, em pé com cavalete, apoiados na parede, na mesa, calçadas, em superfícies inclinadas, possibilitando a percepção do desenho em perspectivas variadas.

Organizar para e com as crianças ambientes com caixas, pedrinhas, gravetos, folhas secas, conchas, pinhas, sementes, areia, tampinhas, cordas, botões e outros materiais ao acesso das crianças, para que elas possam brincar, compor com esses elementos, criando desenhos em caixas de areia, tampas de caixas de papelão, telas, nos diferentes espaços.



Preparar com as crianças tintas e pigmentos naturais ou com materiais industrializados, oferecendo possibilidades de descoberta das tonalidades com a utilização de uma ou mais cores, para que elas toquem, experimentem e criem cores e texturas.

Disponibilizar recipientes com elementos como água e areia, com aberturas de diferentes tamanhos, como conta gotas, ampulhetas, garrafas, baldes, funis, canos, para que as crianças experimentem a fluidez e textura destes elementos.



Organizar passeios em praias, dunas, praças, parques ecológicos, fazendas, projetos de preservação, possibilitando às crianças a sensação e percepção da amplitude do mundo, dos mares, do horizonte e da natureza por meio da contemplação, da fruição, proporcionando a experiência estética.

Organizar visitas em museus, ateliês de artes, oficinas de arte, exposições, vernissage, galerias de arte, espaços públicos com obras de arte, possibilitando a fruição, a percepção das diferentes formas de representações e a ampliação de repertório das crianças.



Crianças pequenas:



Proporcionar às crianças situações que possibilitem a ampliação da percepção dos sentidos e do ambiente a sua volta, para que elas possam levantar hipóteses sobre suas sensações e reconhecer a si na relação com o outro e com o mundo.

Organizar para/com as crianças ambientes com elementos da natureza (pedras, sementes, gravetos, serragem, areia, água, penas), para que possam brincar, compondo cenários e narrativas, criando hipóteses e reconstruindo os enredos de brincadeiras com estes materiais.



Construir com as crianças caixas sensoriais, esculturas, que possibilitem o contato com aromas e texturas diversas, para que elas possam levantar hipóteses sobre estes elementos, (re)criar novos aromas com a combinação de cheiros e descobrir diferentes formas de utilizar estas materialidades.

Disponibilizar cestos/caixas/suportes com diferentes materialidades elencadas com as crianças, que podem ser; naturais e/ou sintéticas, como escova de cerdas macias, espelho com moldura, colher de madeira ou de metal, vidro, que garanta a diversidade de tamanho, textura e formato, para que as crianças explorem as características dos materiais, levantem suas hipóteses sobre esses elementos e construam cenários com eles.

Organizar espaços acolhedores e desafiadores com materialidades de diferentes culturas e etnias, considerando os indicativos das crianças, para a (re)criação de ambientes e de enredos de brincadeiras, possibilitando a experiência estética.

Planejar com as crianças a escolha de materiais diversificados, para que possam (re)criar, manusear, seriar, empilhar, colecionar e organizar os espaços de acordo com os seus interesses e curiosidades, compondo cenários e brincadeiras.

Compor cenários com as crianças, utilizando diferentes imagens, incluindo obras de artistas, pintores, materiais reutilizáveis, mobiliário, elementos naturais, as produções plásticas das crianças, no teto, nas paredes e no chão, que possibilitem a (re)criação, interação e contemplação, ampliando o repertório de sensações.

Planejar espaços com espelhos, suportes materiais e estruturas móveis, com acessórios, lenços, pintura facial, entre outros, que convidem as crianças a criarem enredos de brincadeiras que envolvam a percepção estética de si e de seus pares.

Proporcionar às crianças, a produção plástica, como esculturas, maquetes, entre outros, com materiais como argila, massa de modelar, técnicas de papietagem, papel machê, possibilitando a



experimentação das texturas, viscosidade e plasticidade, assim como, a (re)criação de formas e percepção do volume e tridimensionalidade.

Possibilitar o acesso a materiais com texturas e formatos diversos (materiais reutilizáveis, caixas, elásticos, tecidos e outros suportes materiais),



para que as crianças criem estruturas tridimensionais plásticas e visuais, como móveis, móveis, cabanas, túneis, ampliando o repertório de brincadeiras e a percepção estética.

Disponibilizar e construir, com as crianças, materiais sonoros como sinetas, chocalhos, tambores, apitos, flautas, tocos de madeira, cascas de coco, colheres, tampas, entre outros, para que as crianças (re)criem

sons e músicas e experimentem as sensações que as diferentes sonoridades podem provocar.

Oportunizar, nos momentos de produção plástica, a escuta de diferentes gêneros musicais, que possibilitem a relação da música com a corporeidade das crianças na criação plástica, proporcionando ampliação de repertório e ambiente de sensações e fruição.

Oportunizar momentos de contato com a arte literária (poesia, histórias, contos), para que as crianças percebam as possibilidades de performances, possam (re)criá-las e encená-las, utilizando os diferentes textos e materiais.



Planejar os espaços com as crianças, contemplando o cuidado com os objetos e materiais, o acesso e a disposição dos brinquedos (bonecas, jogos, carros, louças, bolas, mobiliário, redes), considerar a diversidade étnica, de gênero, social e cultural na seleção e criação das imagens que irão compor os cenários deste espaço, valorizando a autoria e a percepção estética.

Disponibilizar lanternas, jogos de luzes coloridas e outros suportes materiais que projetem luz, para que as crianças brinquem, percebam o movimento da luz e as projeções, levantem hipóteses, pesquisem e criem eventos visuais.

Criar com as crianças estruturas revestidas com materiais translúcidos, como binóculos, óculos, com papel celofane, tecidos transparentes de diversas cores e disponibilizar materiais tridimensionais, para que as crianças percebam o espaço em outras perspectivas.



Disponibilizar materiais opacos para que as crianças criem diferentes formatos e tamanhos com estes materiais, revestindo os espelhos, globos espelhados ou outros objetos que refletem imagens, criando hipóteses, percebendo as formas e o reflexo em outras perspectivas.

Expor, com as crianças, os registros fotográficos realizados por elas, em diferentes espaços, como: sala de referência, corredores, hall, áreas externas, para que possam perceber a representação da realidade por meio da imagem fotográfica, possibilitando a dimensão estética e imagética.

Organizar espaços com papéis de diferentes formas, tamanhos, texturas e cores, e materiais diversificados como lápis, canetinhas, giz de cera, pincéis, rolinhos, esponjas, tintas naturais e industrializadas, carvão, nanquim, para que se constituam autoras, criando e percebendo diferentes representações e expressões.

Planejar, com as crianças, exposições das produções plásticas para compor a estética do ambiente, possibilitar a socialização e reconhecer a autoria.



Pesquisar e expor, com as crianças, imagens como: pinturas, fotografias, esculturas, instalações, diversidade de formas de expressão dos sentidos, sentimentos e sensações, para possibilitar a ampliação de repertório e contribuir para complexificação da linguagem pictórica como forma de representação.



Registrar junto com as crianças as suas hipóteses sobre a criação das obras de arte com as quais têm contato, assim como seus sentimentos e descobertas diante delas e pesquisar a intenção do artista e o processo de criação por ele desenvolvido. Essa proposta amplia as possibilidades de relação das crianças com as obras de arte, superando as propostas reducionistas voltadas para a cópia e a releitura.

Organizar espaços e materiais adequados e tempos suficientes para que as crianças possam desenvolver de modo qualificado a linguagem pictórica do desenho. Nesses momentos a observação e o registro das profissionais são fundamentais, no sentido de acompanhar os processos de criação e provocar as crianças, por meio da mediação, da pesquisa e disponibilização de referências, a ampliarem sua capacidade comunicativa por meio desse registro.

Planejar, com as crianças, a criação de desenhos e pinturas por meio da observação da natureza, dos seus pares, de objetos e materiais diversos, possibilitando a percepção dos detalhes destes elementos e a representação em perspectivas variadas.



Planejar, pesquisar, selecionar e coletar com as crianças materiais como pedras, gravetos, folhas secas, conchas, grãos, pinhas, sementes, areia, terra em tons variados, tampinhas, cordas, botões, entre outros, para que elas possam brincar, compor com esses elementos, criando desenhos em caixas de areia, tampa de papelão, telas e nos diferentes espaços.

Preparar com as crianças tintas e pigmentos naturais ou com materiais industrializados, percebendo variadas tonalidades e densidades, para que elas toquem, experimentem, criem hipóteses sobre as cores e texturas e utilizem em suas produções plásticas.

Incluir nos espaços de brincadeira recipientes com aberturas de diferentes tamanhos, como



conta gotas, garrafas, baldes, funis, canos, para que as crianças experimentem e elaborem hipóteses sobre a fluidez e textura de elementos como água e areia.



Planejar com as crianças passeios em praias, dunas, praças, parques ecológicos, fazendas, projetos de preservação, possibilitando às crianças a sensação e compreensão da amplitude do mundo, dos mares, do horizonte e da natureza por meio da contemplação, da fruição, proporcionando a experiência estética.



Planejar com as crianças visitas em museus, ateliês de artes, oficinas de arte, exposições, vernissage, galerias de arte, espaços públicos com obras de arte, possibilitando a fruição, a percepção da constituição destes espaços e a ampliação de repertório visual, estético e de linguagens das crianças.



Organizar visitas em praças públicas, nos parques, nas fortalezas, monumentos, construções históricas, possibilitando a observação das características arquitetônicas dessas edificações e o conhecimento da história e memória local.



LINGUAGENS CORPORAIS E SONORAS

TRAPEZISTA

*Vai e vem o trapezista
se balançando no espaço.
Pula a cerca que separa
o circo do céu
e com a cauda de um cometa faz um laço.
Vai e vem o trapezista
desarrumando as estrelas:
Até a lua se assusta,
esconde o rosto no regaço.
volta ao chão o trapezista
refazendo o mundo com seus passos.*

(Roseana Murray)



Bebês:



Promover a liberdade de movimentos, para que os bebês possam explorar os espaços por meio do corpo e dos sentidos, incentivando a percepção nestes espaços.



Planejar e criar situações e condições em que os bebês se sintam encorajados a se deslocar e explorar o espaço com seu corpo e seus sentidos, promovendo sua autonomia em relação aos movimentos e expressões corporais, por meio de movimentos, como: erguer cabeça, levar a boca, sentar, apoiar, rolar, rastejar, engatinhar, levantar, agachar, pegar, largar, alcançar objetos, caminhar, subir, escalar, chutar, lançar, empilhar, encaixar, dentre outros.

Proporcionar aos bebês momentos de contato corporal como, por exemplo, massagens com cremes e óleos adequa-



dos, brincadeiras e movimentos que envolvam este contato, com um olhar cuidadoso das profissionais em relação a aceitação dos bebês, organizando ambientes tranquilos, seguros, acompanhados de uma adequada iluminação, ventilação e temperatura, com som suave e que possam ser compartilhados com outras crianças e adultos - profissionais e familiares.

Planejar situações de contato com a arte circense, tais como: equilibrar, segurar, puxar, soltar, pendurar no tecido, balançar, dentre outros, explorando as possibilidades de movimentos dos bebês.



Explorar as diversas sonoridades: do corpo, de diferentes vozes, de ruídos, dos objetos, do silêncio, das músicas e sons da natureza, como: pau de chuva, som do vento, da chuva, da água, percussão corporal, dentre outros, possibilitando aos bebês a escuta e a experimentação destes.

Promover, observar e incentivar a produção de sons com o corpo, tais como palmas, estalos com a língua, bater o pé, respirar fundo, ruídos com a boca, sons guturais, balbucio, dentre outros, instigando

os bebês a descobrirem a variedade de possibilidades de criação de sons com seu corpo.



Diversificar o tom de voz, grave e agudo, alto e baixo, conversar de perto e de longe, de frente e de costas, por meio de: contação de histórias, canções, brincadeiras, rodas cantadas, cantigas de ninar, acalantos do cotidiano, para que os bebês percebam as diferentes nuances das sonoridades vocais.



Criar e/ou oferecer materiais (chocalhos, guizos, sinos, talheres, bolas, tampas, canos, copos, dentre outros) e estruturas fixas e móveis que ajudem os bebês a explorar os sons e ampliar sua percepção corporal.

Organizar diferentes espaços com espelhos, possibilitando a exploração de movimentos (gestos, danças, expressões faciais) e ações diante dos mesmos, o reconhecimento da pró-

pria imagem, a imitação e a criação de outros movimentos.

Planejar momentos para que os bebês circulem em outros espaços da unidade educativa, tais como: outras salas, refeitório, corredores, parque, dentre outros, além de alguns locais fora da unidade educativa, ampliando suas capacidades de movimentos.

Organizar os espaços: as salas, os corredores, o parque e outros com materiais e objetos como: tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, caixas, canos, cones, papel celofane, plástico bolha, colheres, baldes, bacias, bastões de madeira, campainhas, caixas de papelão, garrafas e recipientes plásticos, dentre outros, visando as mais variadas possibilidades de exploração sonora e corporal, por meio dos seus sentidos, destacando a importância da mediação das profissionais no uso desses objetos.

Apresentar diferentes performances, com o uso de objetos coloridos, tecidos,



luz e sombra, bonecos, máscaras, instrumentos musicais, entre outros, para apreciação, manipulação e exploração pelos bebês.

Disponibilizar aos bebês o contato com tapetes, painéis e livros sonoros, de plástico, de tecido, de lã, de madeira, das mais diversas texturas, para desenvolver a percepção sonora e tátil.



Disponibilizar os instrumentos musicais (cordas, sopro, percussão e eletrônicos) ressaltando a importância da mediação das profissionais, possibilitando outros modos e usos além do convencional, explorando algumas noções de ritmos, melodias, tons, timbres, a fim de desenvolver a percepção sonora dos bebês.

Possibilitar que os bebês assistam a espetáculos como: teatros, musicais, contação de histórias, danças, apresentados na unidade educativa e quando possível em outros espaços fora da unidade educativa, promovendo a exploração e ampliação da linguagem sonora corporal.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com vídeos, apresentações musicais, espetáculos circenses, teatro, dança, de diferentes gêneros musicais, que possibilitem a visualização de diversos movimentos e sons.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com CDs, ampliando o contato com a diversidade de sons e a possibilidade de trabalhar diferentes elementos da música e os movimentos corporais associados aos sons.

Crianças bem pequenas:



Possibilitar às crianças desafios como: arrastar, rastejar, andar, correr, pular, saltar, balançar, pendurar, equilibrar, entrar e sair em túneis, labirintos, alongar, escalar, virar cambalhotas, dançar, imitar, fazer caretas, entre outros, para explorar o espaço, expandindo e fortalecendo sua autonomia em relação ao movimento corporal.



Proporcionar às crianças momentos de contato corporal, como por exemplo, massagens com cremes e óleos adequados, utilizando massageadores, promovendo brincadeiras que envolvam este contato, com um olhar cuidadoso das profissionais em relação a aceitação das crianças, organizando ambientes tranquilos, seguros,



acompanhados de uma adequada iluminação, ventilação e temperatura, com som suave e que possam ser compartilhados com outras crianças e adultos - profissionais e familiares.

Organizar espaços onde as crianças sejam desafiadas a vivenciar a arte circense, auxiliando-as na exploração dos movimentos corporais, tais como: equilibrar-se num pé só, nas cordas, estrelinha, pendurar-se e balançar-se no tecido, na corda e no trapézio, perna de pau, pé de lata, malabarismo (jogar a bola para o alto e pegar com as duas mãos, com uma das mãos, bater palmas e pegar, dentre outros).

Apresentar diversas sonoridades: do corpo, de diferentes vozes, de ruídos, dos objetos, do silêncio, das músicas e sons da natureza. Por exemplo: pau de chuva, som do vento, da chuva, da



água, percussão corporal, possibilitando a escuta e a diferenciação das diversas sonoridades, tais como: intensidade, volume, dentre outros.

Disponibilizar às crianças no parque, nas salas, nos corredores, no hall, no refeitório, materiais e objetos como: tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, caixas, canos de papelão ou PVC, tampas, cones, papel celofane, plástico bolha, pedaços de madeira,

argolas de diferentes tamanhos, dentre outros, destacando a mediação das profissionais, na exploração e conhecimento das diversas formas de expressões sonoras e corporais.

Promover vivências entre e com as crianças empregando a voz e outros sons criados com o corpo, com instrumentos musicais, objetos do cotidiano, dentre outros que instiguem a criação e composições sonoro-musicais.

Oportunizar a participação das crianças, profissionais e famílias em apresentações tais como: orquestras, bandas, grupos folclóricos, companhias de dança (balé, dança de salão, contemporânea, de rua, sapateado), eventos de teatro, circo, musicais, esportivos e festivais que acontecem na unidade, na cidade e no seu entorno, promovendo a ampliação do seu repertório sonoro-corporal.

Proporcionar inúmeros jogos teatrais como: formas animadas, teatro de bonecos/fantoches, teatro de sombra, de vara, de máscara, e outros nas quais as crianças possam manipular e explorar as possibilidades dos materiais e os diferentes movimentos e sons, bem como oportunizar momentos de criação destas ações teatrais.

Oferecer condições para que as crianças sintam-se encorajadas para assumirem a direção da dramatização, contação de histórias, brincadeiras de roda, faz de conta, dentre outros, promovendo a sua autonomia e autoria frente a estas propostas.

Organizar diferentes espaços com espelhos acompanhados de: maquiagens, adereços, fantasias, colares, chapéus, sapatos, dentre outros, visando à expressão corporal, possibilitando que as crianças experimentem sensações em seu corpo.

Proporcionar momentos de exploração da linguagem sonora a partir da construção de instrumentos musicais e/ou objetos que produzam sons, pelas crianças, profissionais e familiares, com materiais reutilizáveis, como: garrafas plásticas, caixas de papelão de diversos tamanhos e cores, tubos de plástico e papelão, latas, rolhas, fios e lãs, tampinhas, copos, peças ou partes de brinquedos, chaves, sinos, CDs, tampas de panela, tubos de PVC e conexões, botões, peças de



cerâmica, madeira (como cabos de vassoura), pedaços e/ou blocos de diferentes tamanhos e formatos.

Disponibilizar objetos do cotidiano para a composição de cenários, como: vassouras, chaleiras, sapatos, talheres, baldes, bacias, tecidos coloridos de diferentes tamanhos e texturas, papel celofane, plástico bolha, varetas de metal e madeira, campainhas, possibilitando a exploração e



descoberta sonora e corporal destes objetos e ampliando a capacidade criativa das crianças.

Disponibilizar as diferentes fontes sonoras/recursos tecnológicos, apresentando e contextualizando os equipamentos/objetos como: toca-discos, toca-fitas, rádios, gravadores de áudio, audiovisuais e microfones, auxiliando as crianças a utilizá-los.

Organizar espaços para projeção em diferentes dimensões, de pequenos vídeos e imagens, utilizando estes recursos para mostrar as diversas possibilidades do movimento corporal e sons existentes.

Oferecer livros sonoros, tais como: sons da natureza (chuva, vento, trovão, mar), sons dos animais (zumbir, ladrar, miar, mugir, branir, uivar), sons urbanos (trânsito, construções, sirenes) e sons de instrumentos musicais, dentre outros, promovendo a percepção dos diversos tipos de sons.

Apresentar livros nacionais e estrangeiros contemplando a diversidade cultural, como a história da música, instrumentos musicais e músicos de diferentes gêneros, culturas e épocas, movimentos corporais, proporcionando o contato e as variedades deste conhecimento.

Organizar álbuns de imagens sobre as diferentes formas de apresentar o corpo (e de partes dele) de crianças, jovens, adultos e idosos, como por exemplo: na arte (desenho, pintura, escultura, cinema, fotografia etc.), ampliando e diversificando o repertório corporal das crianças.

Proporcionar a exploração dos instrumentos musicais (cordas, sopro, percussão e eletrônicos) ressaltando a importância da mediação das profissionais, no sentido de instigar as crianças a experimentar e descobrir outras possibilidades de usos além do convencional.

Organizar os espaços: as salas, os corredores, o parque e outros com materiais e objetos como: tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, caixas, canos, cones, papel celofane, plástico bolha, colheres, baldes, bacias, bastões de madeira, campainhas, caixas de papelão, garrafas e recipientes plásticos, dentre outros, visando às mais variadas possibilidades de exploração sonora e corporal, destacando a importância da mediação das profissionais no uso desses objetos no sentido de desafiar as crianças na ampliação de repertórios sonoros corporais.



Explorar a expressão sonoro-corporal como: o canto, a mímica, a imitação, a improvisação, brincadeiras, faz de conta, rodas cantadas, brincadeiras cantadas, cantigas de roda, cirandas, parlandas, adivinhas, momentos com brinquedos, associando os sons a movimentos corporais.

Possibilitar que as crianças assistam espetáculos como: teatros, musicais, contação de histórias, danças, apresentados na unidade educativa e quando possível em outros espaços fora da unidade educativa, promovendo a exploração e ampliação da linguagem sonoro corporal, destacando a mediação das profissionais para a possibilidade de participação das crianças nos espetáculos.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com livros e catálogos sobre dança, teatro, circo, filmes, música e outros.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com vídeos, apresentações musicais, espetáculos circenses, teatro, dança, de diferentes gêneros musicais, documentários que possibilitem a visualização, experimentação, descoberta de diversos movimentos e sons.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com CDs, possibilitando o contato com a diversidade de sons e a possibilidade de trabalhar diferentes elementos tais como: ritmos, melodias, harmonia, tons, timbres e tempo musical, para desenvolver a percepção sonora¹³ das crianças.

¹³ Melodia é uma sucessão de sons musicais combinados, uma sequência de notas; ritmo é a duração e a acentuação dos sons e das pausas (silêncio) duração do tempo; harmonia são duas ou mais notas tocadas em conjunto, ou seja, uma combinação de sons simultâneos.

Crianças pequenas:



Propor e organizar, com as crianças, situações que envolvam movimentos desafiadores, tais como: pular em planos (aclives/declives) e alturas diferentes (alto/baixo), ultrapassar obstáculos, pendurar-se, equilibrar-se num pé só, virar estrela, cambalhota, rolamentos, saltos, giros, ponte, vela, parada de mão, explorando e promovendo sua autonomia em relação ao movimento corporal, ao espaço e às interações.



Organizar ambientes tranquilos, seguros, acompanhados de uma adequada iluminação, ventilação e temperatura, com som suave, que possam ser compartilhados com outras crianças e adultos, profissionais e familiares, destacando sempre um olhar cuidadoso das profissionais em relação a aceitação das crianças, como por exemplo, massagem com cremes e óleos adequados, utilizando massageadores, brincadeiras como o 'rolo humano', proporcionando as crianças momentos de contato corporal.

Oportunizar práticas de relaxamento, desenvolvendo a concentração, a respiração, o pulsar, contribuindo para a ampliação da sua percepção corporal.

Planejar e organizar, com as crianças, trajetos a serem percorridos com diferentes materiais, como por exemplo: almofadas, pneus, elásticos, cordas, arcos, colchões, cadeiras, mesas, bancos, escadas e aumentando gradativamente o grau de dificuldade, no que se refere, a altura, distância, duração, velocidade, largura.



Organizar e criar com as crianças situações com movimentos combinados tais como: andar e puxar, correr e lançar, lançar e pegar, empurrar e carregar, andar e quicar uma bola, subir e descer, abaixar e levantar, complexificando a associação de movimentos corporais.

Possibilitar que as crianças participem de brincadeiras com movimentos coordenados, organizando-as em duplas, trios, grupos maiores, em roda, como por exemplo: Escravos de Jó, Adoleta, Uni-duni-tê, e a partir destas, criem novas brincadeiras e movimentos.

Planejar com as crianças situações associando os sons aos movimentos corporais, tais como: música com gestos, jogos e brincadeiras (estátua, dança da cadeira, vivo ou morto dentre outras), instigando as crianças a criarem e proporem novas brincadeiras e movimentos.

Explorar com as crianças a expressão corporal através da mímica, da imitação e da criação dos movimentos, da impro-



visação como por exemplo: movimento dos animais, da natureza, dos objetos, de outras crianças e adultos.

Organizar espaços nos quais as crianças são desafiadas a vivenciar a arte circense, ampliando as formas de brincar de circo mediante a distribuição de materiais e o auxílio na sua utilização, instigando outras possibilidades de movimentos, tais como: acrobacias, malabarismos, contorcionismo, equilibrismo, trapézio, dentre outros.



Promover vivências, entre e com as crianças, que as instiguem a experimentar composições sonoro-musicais empregando a voz, sons criados com o corpo, com os instrumentos musicais e os objetos do cotidiano associando os movimentos corporais, como por exemplo, as brincadeiras ritmadas, ampliando as possibilidades/repertórios de ritmo, melodia, entonação, harmonia.

Organizar os espaços (as salas, os corredores, o parque e outros) com materiais e objetos como: tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, caixas, canos, cones, papel celofane, plástico bolha, colheres, baldes, bacias, bastões de madeira, gravetos, cabos de vassouras, campainhas, caixas de

papelão, canos e cones de papelão ou PVC, argolas, pedrinhas, baldes, bacias, painéis, colheres (pau, metal, plástico), garrafas e recipientes plásticos de diferentes tamanhos, dentre outros, visando as mais variadas possibilidades de exploração, descoberta e criação, destacando a importância da mediação das profissionais no uso desses objetos no sentido de desafiar as crianças na composição e ampliação da linguagem sonoras corporais.

Planejar ações de participação das famílias e outros membros da comunidade nas mais variadas ações na unidade educativa, tais como: dramatizações, contação de histórias, brincadeiras de



roda, faz-de-conta, brinquedos e brincadeiras, músicas, cantos, apresentações folclóricas, dentre outros, proporcionando a ampliação da linguagem sonoro-corporal e da diversidade cultural.

Planejar saídas com as crianças, profissionais e famílias para assistirem apresentações e/ou realizar visitas tais como: orquestras, bandas, grupos folclóricos, companhias de dança (balé, dança de salão, dança contemporânea, sapateado, dança de rua), grupo de capoeira, Maracatu, Maculelê, Ratoeira, teatro, teatro de rua, circo e musicais, bem como os festivais que acontecem na cidade e no seu entorno, para conhecimento e ampliação cultural.

Proporcionar situações que ofereçam condições para que as crianças assumam a autoria e sejam protagonistas na dramatização (enredo, figurino, cenário, entre outros), nas contações de histórias, brincadeiras de roda, faz de conta, danças, músicas, ampliando e diversificando as suas possibilidades de participação e fortalecendo os processos de criação das crianças.

Organizar tempos, espaços e materiais que possibilitem às crianças o contato com noções básicas da música como: som, silêncio, altura, intensidade, timbre, duração, ritmo, melodia, compasso, harmonia.



Possibilitar o contato com a diversidade de gêneros musicais, estilos, épocas e culturas: infantis, da nossa cidade, folclóricas, indígenas, africanas, bossa nova, samba, jazz, salsa, tango, instrumental, popular, contemporânea, medieval.

Proporcionar momentos de exploração e criação com materi-

ais reutilizáveis tais como: garrafas plásticas e caixas de papelão de diversos tamanhos e cores, tubos de plástico e papelão, latas, rolhas, fios e lãs, tampinhas, copos, peças ou partes de brinquedos, chaves, sinos, CDs, tampas de panela, tubos de PVC, de metal, conexões, botões, peças de cerâmica, madeira, como cabos de vassoura, pedaços e/ou blocos de diferentes tamanhos e formatos, dentre outros, que permitam a construção de instrumentos musicais pelas crianças, profissionais e famílias.

Disponibilizar diferentes fontes sonoras e recursos tecnológicos contextualizando-os e apresentando, por exemplo: o toca-discos, LPs, rádios, fita-cassete, CDs, gravadores de áudio, microfones, audiovisuais, DVDs, Pen drives, cartões de memória, computadores, auxili-



ando as crianças a conhecê-los e utilizá-los e possibilitando que elas percebam as transformações ocorridas ao longo da história.

Apresentar projeções de vídeos e imagens contemplando a diversidade de movimentos e sons, como as músicas e expressões corporais elaboradas pelas crianças da unidade, assim como de outras cul-



turas e etnias. Oferecer livros sonoros, promovendo a percepção e a distinção dos diversos tipos de sons, tais como: sons da natureza (chuva, vento, trovão, mar), sons dos animais (zumbir, ladrar, miar, mugir, branir, uivar), sons urbanos (trânsito, construções, sirenes) e sons de instrumentos musicais, dentre outros, mapeando e ampliando os conhecimentos das crianças acerca dos sons existentes.

Apresentar livros nacionais e estrangeiros contemplando a diversidade cultural, com a história da música, instrumentos musicais e músicos de diferentes gêneros, culturas e épocas, ampliando as possibilidades de pesquisa pelas crianças.

Organizar álbuns de imagens sobre as mais variadas formas de apresentar o corpo de crianças, jovens, adultos e idosos, tanto na arte (desenho, pintura, escultura, cinema, fotografia etc.), como em imagens e cenas do cotidiano, possibilitando a percepção nas diversas representações artísticas e históricas, considerando as diferentes culturas.

Registrar as composições sonoro-musicais, por meio de gravação de áudio/vídeo, de imagens, desenhos, pinturas, símbolos, letras, argila, dentre outros, para ampliar as possibilidades de registro destas composições.

Apresentar registros das composições sonoro-musicais criadas pelas crianças, visando à interpretação, explorando as possibilidades indicadas pelas crianças.

Promover a escuta, a descoberta, a exploração e a criação de composições sonoro-musicais uti-

lizando diversas sonoridades: o corpo, diferentes vozes, ruídos, objetos, músicas e sons da natureza. Por exemplo: palmas, estalos, pau de chuva, som do vento, da chuva, da água, percussão corporal, “sons com a boca”, dentre outros.

Proporcionar a exploração dos instrumentos musicais (cordas, sopro, percussão e eletrônicos) ressaltando a importância da mediação das profissionais, no sentido de instigar as crianças a experimentarem outras possibilidades de usos além do convencional, assim como, incentivá-las e auxiliá-las a acompanharem algumas canções e músicas com estes instrumentos.

Planejar e organizar com as crianças, os espaços: as salas, os corredores, o parque e outros com materiais e objetos como: tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, caixas, canos, cones, papel celofane, plástico bolha, colheres, baldes, bacias, bastões de madeira, campainhas, caixas de papelão, garrafas e recipientes plásticos, dentre outros, visando as mais variadas possibi-



lidades de exploração e descoberta sonora e corporal, destacando a importância da mediação das profissionais no uso desses objetos no sentido de desafiar as crianças na criação de repertórios sonoros corporais, ampliando assim, a sua capacidade criativa.

Criar situações que as crianças possam explorar as possibilidades dos ritmos, entonações, melodias, tons, timbres, compasso e harmonia, que ajudem as crianças a descobrirem e identificarem os conceitos básicos da linguagem musical.

Explorar a expressão sonoro-corporal com: o canto, a mímica, a imitação, a improvisação, a criação dos movimentos e sons dos animais e da natureza, momentos com brinquedos, brincadeiras, faz de conta, rodas cantadas, brincadeiras cantadas, cantigas de roda, cirandas, parlendas, adivinhas, por exemplo, propor narrativas cantadas, nas quais as crianças são desafiadas a intervir improvisando sons segundo a situação narrada.

Possibilitar que as crianças assistam peças teatrais, diferentes gêneros musicais e textuais, contação de histórias, danças, e outras performances apresentadas na unidade educativa e quando possível em outros espaços fora da unidade educativa, promovendo a exploração e ampliação da linguagem sonoro corporal.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com coleções literárias, livros e catálogos sobre dança, teatro, circo, filmes, música, compositores e músicos nacionais e estrangeiros, a fim de subsidiar a prática pedagógica e expandir os conhecimentos e as experiências das crianças.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com vídeos, apresentações musicais, espetáculos circenses, teatro, dança e documentários, de diferentes gêneros musicais e narrativos, que possibilitem a visualização e o conhecimento de diversos movimentos e sons.

Organizar um acervo para circular nos diferentes espaços e grupos da unidade educativa, com CDs (com critérios), ampliando o contato com a diversidade de sons e a possibilidade de trabalhar diferentes elementos musicais tais como: ritmo, melodia, harmonia, intensidade, altura (grave e agudo), duração, entre outros.

Núcleo de Ação Pedagógica

Relações com a Natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos e seres vivos

DESOBJETO

*O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente.
O pente estava próximo de não ser mais um pente.
Estaria mais perto de ser uma folha dentada.
Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra,
um caramujo, um sapo.
Era alguma coisa nova o pente.
O chão teria comido logo um pouco de seus dentes.
Camadas de areia e formigas roeram seu organismo.
Se é que um pente tem organismo.
O fato é que o pente estava sem costela (...)
Perdera sua personalidade.
Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia
mais nem pra pentear macaco. O menino que era esquerdo
e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente
naquele estado terminal.
E o menino deu pra imaginar que o pente, naquele estado,
já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso,
um lagarto.
Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele
pente.*

(Manoel de Barros)



A criança experimenta o mundo de corpo inteiro, por meio de suas brincadeiras e de inúmeras outras interações; neste sentido, a relação com a natureza é fundamental para que ela possa vivenciar situações de contato com materiais naturais, de observação dos seres vivos, de perceber as transformações promovidas pelos fenômenos naturais, sociais e culturais o que possibilita a descoberta e o conhecimento do mundo.

Os profissionais da educação infantil precisam escutar as crianças, considerar suas perguntas e hipóteses sobre as formas como o mundo se organiza, para pensar seu planejamento e complexificá-lo. Segundo Mello (2013), eles precisam desafiar as crianças a pensarem sobre o funcionamento da natureza, suas manifestações, dimensões, elementos e fenômenos físicos e naturais, sendo assim, “nosso desafio é propor para a criança um trabalho que seja capaz de formar uma inteligência curiosa, com iniciativa inteligente, uma personalidade interessada, equilibrada e respeitosa.” (*Ibid*, p.2).

Desse modo, o trabalho com esse núcleo da ação pedagógica propõe compreender a relação com a natureza a partir do pensar não só sobre os fatos/fenômenos observados, mas também, sobre as hipóteses e explicações das crianças, além de considerar outros pontos de vista apresentados pelos colegas e adultos, livros, enciclopédias, jornais, entre outros suportes de informação. Este entendimento promove a consciência socioambiental das crianças, na qual elas desenvolverão práticas de contemplação, de conservação e de interação, compreendendo que ela faz parte da natureza.

Assim como na relação com a natureza, as hipóteses das crianças no âmbito da matemática são fundamentais para o trabalho pedagógico, considerando que os primeiros contatos da criança com a linguagem matemática acontecem nos seus primeiros anos de vida, período fundamental para o desenvolvimento do raciocínio lógico. A proposta de trabalho na linguagem matemática na educação infantil deve encorajar as crianças a vivenciarem uma grande variedade de ideias matemáticas relacionadas à exploração espacial e a quantificação, através de resolução de situações problema que envolvam desafio, investigação e ação, adquirindo assim, diferentes formas de perceber a realidade. Nessa perspectiva, observamos situações que mobilizam conceitos como comparação (igual/diferente), correspondência (contagem um a um), conservação (perceber que um copo baixo e largo, comporta o mesmo volume de água que um copo alto e estreito), classificação (estabelecer um critério para agrupar objetos, por exemplo, cor, tamanho), inclusão (perceber que a palavra “talheres”, inclui garfo, faca e colher), sequenciação (a seleção do número de amigos para brincar, sem estabelecer uma ordem), seriação (perceber a sequência rígida dos dias da semana), que são constituintes da forma como a criança se relaciona com o mundo.

Moysés Kuhlmann Júnior (2000, p.65) nos alerta, que é o professor que precisa dominar os conceitos implícitos na ação educativa e as implicações disso para o desenvolvimento infantil, pois para a criança o importante é descobrir que “o mundo envolve afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática”. Cabe destacar que todas estas formas de expressão estão articuladas, não existindo uma hierarquização de importância entre elas.

A perspectiva de que a “criança aprende e se desenvolve quando é sujeito [...] quando pensa, decide, planeja, escolhe, resolve, toma iniciativa” (MELLO, 2013, p. 4), apresenta-se como base das proposições aqui apresentadas, acerca da relação com a natureza e da linguagem matemática para todas as crianças dos diferentes grupos etários.

RELAÇÕES COM A NATUREZA

*Gosto dos rios
E gosto mais quando eles estão nas margens dos meninos,
dos pássaros, das árvores, das pedras, das lesmas,
dos ventos, do sol, dos sapos, das latas
e de todas as coisas sem tarefas urgentes.
Os rios são uma das fontes da minha poesia
porque as garças posam neles
com os olhos cheios de sol e de neblina.
Porque as rãs paridas nas suas margens
gorjeiam como os pássaros.
Porque as libélulas, também chamadas de lava-bundas,
farreiam na flor de suas águas.
E porque o menino, em cujas margens o rio corre,
guarda no olho as coisas que viu passar.”*

(Manoel de Barros)



Bebês:



Propor obstáculos e materiais, em diferentes espaços da unidade educativa para que os bebês se movimentem e experimentem a força do seu corpo em situações como: subir-descer, empurrar-puxar, abrir-fechar, entrar-sair.



Criar situações nas quais os bebês percebam seu corpo, tais como conversas durante as trocas de fraldas, banho, alimentação.

Criar proposições que favoreçam ao bebê o movimento no espaço da instituição, disponibilizando objetos para exploração, assim ampliando seu conhecimento acerca do seu entorno.



Organizar estratégias para que os bebês tenham acesso visual ao espaço externo, pelas janelas, pelo solário, pelas portas abertas, permitindo-lhes ampliar as possibilidades de percepção do mundo que os cerca.

Promover o contato diário dos bebês com o espaço externo, para que explorem, de corpo inteiro, áreas com grama, areia, canteiros de flores, vasos, jardins, horta.



Organizar saídas a locais arborizados e seguros para que os bebês brinquem ao ar livre, oportunizando o contato com plantas, areia, água, vento, pedras, gravetos, cheiros, sombras, sol e observação de animais.

Oportunizar momentos e espaços na sala de referência, no parque, na horta e em outros espaços da UE, para que os bebês se relacionem e se integrem com outras crianças de diferentes grupos.

Possibilitar o acesso aos bebês a diferentes materiais, diversificando a textura, os formatos, os odores, os sons, os pesos e permitindo a exploração de corpo inteiro- a mão, a boca, os pés, a pele. Destacamos a necessidade de garantir a segurança da experiência.

Disponibilizar cestos com variados tipos de frutas e legumes, com cheiros, cores, texturas, tamanhos, de modo a ampliar as possibilidades da exploração dos diferentes sentidos.

Disponibilizar cestos com elementos naturais diversos como conchas, pedras, gravetos, troncos, sementes grandes, esponjas, sabugos de milho; de forma a ampliar o contato dos bebês com diferentes, cheiros, texturas e formatos.





Propor situações e brincadeiras que envolvam diferentes instrumentos para a exploração de diferentes elementos da natureza:

- 1- que envolvam luz e sombra, tais como brincadeiras com lanternas, com materiais transparentes, com tecidos, com globos iluminados, com projetores de luz, objetos que provocam sombra;
- 2- que envolvam água como: brincadeiras no banho, utilização de diferentes recipientes de tamanhos variados para brincar com a água, fazer bolhas de sabão, incluir água nas brincadeiras com areia;



3- que envolvam a escuta sons da natureza (chuva, rio, mar, cachoeira, pássaros). O manuseio de objetos que produzem sons (relógio, sinetas, campainhas, choalhos, instrumentos musicais);

4- que envolvam brincadeiras com ar: flutuação de balão, bolhas de sabão, pipas;

5- que envolvam a exploração diferentes tipos de solo e suas variações (areia, barro, terra) incluindo nestas situações diferentes objetos e utensílios (colher de pau, colher de metal, funis, recipientes de diferentes formatos e tamanhos, que possam ampliar as possibilidades de experimentação dos bebês.



Propor situações, materiais, brinquedos e brincadeiras para que os bebês explorem o elemento água em seus diferentes estados como: tomar banho de piscina, brincar com gelo.



Apresentar diferentes tipos de alimentos para que as crianças explorem os sentidos: sabores, cheiros, texturas, cores, atentando para as especificidades alimentares de cada criança.

Oportunizar momentos ao sol. Atentar para a preparação do espaço e dos materiais disponíveis, bem como o tempo de exposição, o horário e a intensidade do sol.



Planejar ações que possibilitem às crianças o acesso e a exploração de materiais de origem natural (tecidos, conchas, couro, frutas secas, argolas e instrumentos musicais de madeira, chocalhos), feitos de metal (correntes, sinos de diferentes tamanhos), feitos de tecido (saquinhos recheados com diferentes elementos que exalam cheiros – canela em pau, cravo, grãos de café, macela, alecrim), ou de outros materiais. A intenção é possibilitar a exploração desses materiais de corpo inteiro.

Crianças bem pequenas:



Disponibilizar objetos que possam ser levados para espaços diversos, como corredores, parque, banheiro, refeitório, criando obstáculos para que as crianças sejam desafiadas a perceber os próprios movimentos que executam e a força que realizam em algumas brincadeiras para subir, balançar, escorregar, empurrar os obstáculos para mudá-los de lugar.

Organizar, com as crianças, coleções de elementos da natureza (galhos, pedras, folhas secas, sementes, conchas), para que enriqueçam suas possibilidades de interação com diversos materiais naturais, atentando para suas formas, tamanhos, texturas, maleabilidade e resistência.

Possibilitar que as crianças caminhem de pés descalços nas áreas externas e internas da instituição e fora dela, de forma que elas sintam as texturas dos diferentes solos (areia, areia da praia, barro, piso, grama, cimento, areão).

Propor situações, materiais, brinquedos e brincadeiras para que as crianças explorem o elemento água (tomar banho de mangueira, bacia, piscina, lavar e dependurar as roupas no varal, dar banho em bonecas, fazer barquinho para colocar na poça de água deixada pela chuva). Incluir nessa proposição brincadeiras para que elas possam perceber quais os materiais que afundam que bóiam que absorvem água.





Oportunizar ações para que as crianças em pequenos grupos, ou individualmente manipulem diferentes materiais (argila, barro, farinha,) observando a transformação das texturas, sensações térmicas e consistências.

Promover situações de brincadeiras com o vento (pipa, cata-vento, barquinho de papel, tecidos diversos, observando a ação do vento nos objetos).



Oportunizar brincadeiras com luz e sombra utilizando lanternas, transparências, tecidos para que as crianças observem as transformações ocorridas nas imagens projetadas (alongam-se e encolhem-se, aparecem e desaparecem).

Selecionar e/ou criar histórias e cenários, junto com as crianças, sobre as estrelas, a lua, o céu, os planetas no sentido de ampliar repertórios de compreensão sobre esta temática;

Oferecer suportes materiais, para criação de brincadeiras e construção de brinquedos acionados pela gravidade (escorregador, tirolesa, lançamento de bolas, petecas).

Possibilitar o acesso a instrumentos tais como lupas, binóculos para que as crianças ampliem



sua capacidade de observação e assim, elaborem novas hipóteses sobre as transformações que ocorrem na natureza.

Propor às crianças saídas a parques, jardins, hortos, praças, bosques, praias que promovam a interação com a natureza de forma a provocá-las a observar o solo, os pequenos animais, as cores, a areia, as pedras, sons, cheiros.



Desenvolver práticas cotidianas de pertencimento ao planeta, que promovam a consciência socioambiental, na qual sejam evidenciada a necessidade de preservação e a relação de interdependência.



Promover ações na horta que permitam à criança brincar, planejar, produzir e descobrir formas de plantio e de manejo dos canteiros, estabelecendo relações de responsabilidade e de compromisso com a preservação da natureza.



Trazer para sala de referência plantas para que as crianças observem seu desenvolvimento diariamente, sua germinação, florescimento, crescimento e morte, de forma a ampliar o conhecimento sobre os fenômenos biológicos.

Proporcionar diferentes formas de plantio em terra, na água, em troncos que possibilitem a observação o surgimento das raízes em semente (abacate, alpiste), em folhas (violeta, espinafre) e em galhos (roseira).

Criar com as crianças canteiros de flores que favoreçam uma relação de cuidado, contemplação, curiosidade e observação do processo de desenvolvimento das plantas, assim como sua interrelação com os pequenos animais (tatu bolinha, minhoca, joaninha, borboleta, beija-flor, lagarta, cigarra, formiga, centopeia)

Promover ações para que as crianças possam acompanhar o desenvolvimento dos vegetais e frutas na horta, pomar, depois degustá-las e experimentar diferentes sabores, texturas e cheiros.

Realizar propostas culinárias que surjam dos enredos das brincadeiras, chamando a atenção das crianças para as transformações que ocorrem com os ingredientes durante a preparação da receita e sua finalização.

Propor, às crianças, diversas brincadeiras com os olhos vendados, para que a partir do olfato, tato, audição e paladar possam descrever suas sensações e percepções a cerca de diferentes materiais e alimentos.





Ajudar as crianças, em situações do cotidiano, a compreenderem as diferentes necessidades do seu organismo: a ingestão de água quando sente sede, o uso de vestuário adequado a temperatura do ambiente, a utilização do banheiro quando sentir necessidade.

Organizar espaços (parque, corredores, sala de referência) com materiais como livros, coleções, acervos de

imagem, lupas, caleidoscópio, para que as crianças com autonomia possam realizar suas explorações e criar suas hipóteses.

Disponibilizar materiais (giz, lápis de cera, papéis variados, cavalete, palitos, gravetos, caixa de areia entre outras) para que as crianças elaborem registros de suas explorações através de desenhos, modelagem, instalações e outras formas de representação com o propósito de socializar o processo vivido.



Crianças pequenas:



Criar momentos e possibilitar que as crianças tenham contato e explorem os diferentes tipos de solos (areia, areia da praia, brita, barro, piso, grama, cimento, areão) e texturas, viabilizando a criação de novas brincadeiras.

Planejar tempos e espaços que possibilitem às crianças explorar e conhecer as possibilidades e os limites de seu corpo em brincadeiras como subir, escalar, balançar, escorregar, correr.

Planejar, com as crianças, saídas em trilhas, dunas, praias, mangues, hortos, bosque, lagoas, parques ecológicos, demarcando as inter-relações e as diferenciações entre os ecossistemas, assim como a possibilidade de contemplação e a necessidade de preservação desses ambientes.

Pesquisar sobre as tradições culturais, de origem afro-brasileira, indígena, europeia, oriental, dentre outras, para conhecer novos modos de viver, sentir e pensar a vida sobre a Terra.



Disponibilizar utensílios (pazinhas, redes, sacos, potinhos), instrumentos (lupas, binóculos, pinças, microscópio ou lupa eletrônica) e materiais de registro e consulta (caderno de anotações, prancheta, livros, enciclopédias e outros), para que as crianças possam com autonomia e/ou com mediação de um adulto realizar suas explorações, elaborar e testar suas hipóteses, registrar suas descobertas e ampliar seu conhecimento sobre a natureza e o mundo.



Observar os fenômenos naturais e culturais e propor ações como: coleta de materiais, levantamento e verificação das hipóteses, consulta a diferentes fontes de pesquisa (livros, enciclopédias, documentários) formas variadas de registros (instalações, maquetes, desenhos, escrita e outros), que possibilitem a construção de sínteses que ampliem o conhecimento sobre o observado.



Oportunizar brincadeiras com luz e sombra, explorando diferentes materiais, como: tecidos de diferentes espessuras e cores, plásticos, papel, retroprojektor, transparências, lanternas, lâmpadas, refletores, para que as crianças observem, criem hipóteses sobre as possibilidades que esses materiais oferecem e possam reelaborar as suas brincadeiras.



Inserir nas brincadeiras com água, diferentes materiais, tais como esponjas, canos, recipientes grandes e pequenos, garrafas plásticas, tecidos, papel entre outras possibilitando às crianças a criação de novas brincadeiras.

Ajudar as crianças na resolução de problemas/desafios do cotidiano instigando a construção de engenhocas como a instalação de roldanas e cordas, a escavação de valas que canalizem a água

para as brincadeiras, a observação do deslocamento de objetos em superfícies planas, inclinadas e de diferentes texturas (madeira, cerâmica, cimento, grama, areia), que os auxiliem a compreender o funcionamento do mundo físico e natural.



Propor pesquisas com as crianças pequenas sobre a energia do vento para realizar diferentes experiências e brincadeiras com pipa, bolha de sabão, balão, moinho de vento, aerogeradores, aviões de papel, barquinhos entre outros.



Proporcionar brincadeiras e construção de brinquedos que envolvam a observação do clima, tais como cata-ventos, pipas, birutas, relógios solares, pluviômetros.

Propor momentos de experimentações que possibilite às crianças observarem fenômenos químicos, como a criação de tintas de diferentes tonalidades.



Promover a participação ativa das crianças nas iniciativas de construção de brinquedos, estruturas, engenhocas, com materiais recicláveis (sucatas) e da natureza (troncos, pedras, folhas, cipó, sabugos), para experimentar a utilização de materiais diversos.

Promover situações de observação, para provocar a curiosidade das

crianças sobre os fenômenos físicos (mudanças de clima, estações do ano, arco-íris, erupção de vulcão...).

Propor situações para que as crianças explorem os fenômenos biológicos (metamorfose, decomposição, apodrecimento) com a utilização de objetos e ferramentas nas atividades exploratórias tais como: lupas, microscópio, binóculos, potes, pinças, objetos espelhados e materiais de consulta como, livros e revistas com temas de ciências naturais.

Planejar situações para que as crianças sejam encorajadas a construir suas engenhocas/máquinas, disponibilizando, com mediação de um adulto, ferramentas (martelo, chave de fenda, serrote) e objetos para montagem (canos, barbantes, fitas, madeiras, pregos) e desmontagem (rádio, engrenagens de carrinhos, telefones, CPU, teclados, relógios...), para que elas brinquem e percebam a estrutura e o funcionamento de diferentes mecanismos.



Plantar flores diversas e árvores frutíferas, com as crianças pequenas, com a intenção de atrair pássaros e insetos em liberdade, possibilitando a observação da variedade das espécies e a contemplação da natureza.

Planejar situações em que as crianças possam observar diferentes jardins de diversas culturas através de vídeos, livros, revistas, fotografias, bem como a observação de praças locais, avenidas e parques com a intenção de ampliar o repertório estético.

Criar nichos com plantas nas áreas internas: banheiros, corredores, embaixo de escadas, casinhas, refeitório, salas de referência, biblioteca, secretaria, de forma que adultos e crianças coloquem em prática ações de cuidado e criem juntos espaços mais agradáveis.

Organizar passeios em que as crianças brinquem e possam investigar e analisar diferentes tipos de plantas, a fim de que possam estabelecer comparações com as plantas já conhecidas.

Colecionar um banco de sementes, encontradas em meios diversos como: dentro de frutas, legumes, nos parques, jardins e propor brincadeiras e/ou a construções de instalações diversas como móveis e mandalas que são incorporadas na organização dos espaços.





Disponibilizar ferramentas como: colheres de pau, pazinhas, carrinho de mão, ancinho, enxada, potes, regadores, mangueira, e outros para que as crianças construam atitudes de cuidado e preservação de jardins, canteiros de ervas, verduras e pomares de frutas.

Propor ações para que as crianças conheçam e cultivem diferentes espécies de hortaliças, podendo ter como apoio diversos materiais e situações tais como: consultas em livros, embalagens de

sementes, conversas com agricultor/a, engenheiros agrônomos e/ou com pessoas da comunidade que cultivem hortas.



Acompanhar a transformação da matéria e o processo biológico de deterioração de produtos orgânicos, investigando a inter-relação de pequenos animais nesse processo, como as ocorridas em composteiras e em minhocários.

Propor situações que envolvam a reciclagem de papel para que as crianças possam brincar e atuar no processo de transformação deste, com a inclusão de folhas secas, flores, ervas que proporcionem texturas e aromas. Incluir ainda, pigmentos naturais (urucum, anis, terra) que permitem a exploração de cores e tonalidades variadas.



Promover práticas de separação dos resíduos sólidos produzidos na instituição educativa, atentando para as responsabilidades individuais e coletivas nesse processo.

Acompanhar as crianças pequenas na ação de levar resíduos orgânicos para alimentar as minhocas e outro micro-organismos nas pilhas de compostagem.

Propor momentos de culinária que permitam discutir com as crianças as possibilidades de aproveitamento integral dos alimentos (cascas, talos, folhas, sementes, entre outros).

Propor brincadeiras que envolvam vivências de culinárias, ressaltando as transformações que ingredientes provocam durante a preparação da receita, como o efeito do fermento que faz o bolo crescer.

Disponibilizar mapas, o globo terrestre e promover desafios relacionados à representação gráfica do espaço (localizar onde moram, onde está a Unidade Educativa, o posto de





saúde, a praia, o parque florestal), subsidiando a construção de maquetes, instalações, croquis e mapas.

Montar com as crianças cenários, instalações, ou produzir maquetes que criem um 'ambiente espacial' (estrelas, cometas, planetas...) de forma a instigar a brincadeira e a imaginação.

Promover visitas aos planetários/observatórios, a sessões de cinema,

peças de teatro, bem como o acesso a livros, a enciclopédias e a documentários, que abordem as viagens espaciais, ao centro da terra, ao fundo do mar e, assim, instiguem a curiosidade das crianças sobre os temas e inspirem a proposição de brincadeiras como a criação de um sistema solar, construção de foguetes, naves espaciais, submarinos, vulcões entre outras possibilidades.



Ajudar as crianças, em situações do cotidiano, a compreender as diferentes necessidades do seu organismo: a ingestão de água quando sente sede, o uso de vestuário adequado a temperatura do ambiente, a utilização do banheiro, quando sentir necessidade.



Possibilitar a criação de esculturas explorando diferentes materiais, areia, barro, argila, terra, madeira, plástico, tecidos, trancos, gesso, pedras, sementes, gravetos, papelão, papel, latas, caixas, tampinhas, garrafas, bambus.

Realizar registro documental das relações das crianças com a natureza, por meio de fotografias, de escrita, de áudio, de filme que revelem a elas, ao coletivo da unidade e a seus familiares, o processo vivenciado.



LINGUAGEM MATEMÁTICA



PIÃO

*Um pião se equilibra
na palma da mão,
no chão, na calçada,
e alado vai rodando
por cima dos telhados,
gira entre as nuvens,
cada vez mais alto,
até que num salto
alcança a lua
e rola
até o seu lado oculto.
Faz a curva o pião
e ruma para Saturno,
tropeça nos anéis,
dá três cambalhotas,
se pendura
numa estrela cadente
e, sem graça,
volta para a palma da mão.*

(Roseana Murray)

Bebês:



Planejar situações em que os bebês reconheçam o seu corpo: organizar espaços e tempos em que o toque, a conversa, o banho e a massagem viabilizem esse reconhecimento.

Interagir com os bebês com brincadeiras de achar e de esconder o próprio corpo. Pode-se utilizar para essa brincadeira uma fralda ou lençol, por exemplo.

Proporcionar brincadeiras, destacando as partes do corpo, propondo ações que possibilitem que os bebês se observem em frente ao espelho, diante de outras crianças, diante das bonecas, estabelecendo comparações entre elas e os outros, e possam identificar/perceber a simetria do próprio corpo: mãos, pés, pernas, olhos, braços.

Organizar ambientes internos e externos às salas para que os bebês possam fazer a relação entre o espaço e seu próprio corpo, através de:

- 1 - planejamento de situações em que os bebês sejam provocados a explorar diferentes ambientes e espaços, disponibilizando para isso, tanto brinquedos, como elementos da natureza;
- 2- construção com os bebês de brinquedos e objetos com materiais diversos para compor o acervo de exploração da sala de referência e espaços externos;



- 3- organização do espaço, disponibilizando objetos/materiais de diversos tamanhos, cores e formas que possibilitem a exploração;
- 4- organização da sala de referência e ambientes externos com objetos escondidos para que os bebês os procurem;



5- organização de materiais propícios para serem empurrados, amassados e rasgados pelas crianças;

6- organização do espaço para que as crianças manipulem e explorem materiais tais como: panos, lenços, tiras de tecido, caixas.

Planejar o espaço da sala de referência e ambientes externos para oportunizar aos bebês a descoberta e a exploração: espaços com objetos de diferentes alturas, espaços em que as crianças possam entrar e sair, tais como, caixas grandes e pequenas; cantos fechados com tecidos, berços, fitas, canos e mesas.



Garantir que as crianças possam engatinhar, rolar, correr, pular e agarrar objetos de diferentes formas e espessuras.

Propor situações em que os bebês, junto com os adultos e outras crianças, manuseiem objetos de diferentes formas, cores, tamanhos, massa.

Convidar os bebês para, junto com os adultos e outras crianças, explorarem o espaço externo em contato com diferentes tipos de superfícies (grama, areia fina, areia grossa, terra, cimento, cerâmica, tapetes).





Planejar situações em que os bebês sejam provocados a descobrir/perceber diferentes sonoridades e seus ritmos observando a chuva, o vento, os pássaros, enfim, todos os sons do seu entorno. Proporcionar brincadeiras que envolvam o canto e o movimento (rápido, lento, devagar, depressa), que possibilitem a percepção rítmica, o desenvolvimento do senso de medida, o conhecimento do próprio corpo e o contato físico com o outro, seja esse outro adulto ou criança.





Planejar situações, disponibilizando materiais para que os bebês explorem os sentidos, dialogar com as crianças, apontando as diferenças existentes nos objetos que estão no espaço: texturas (macio, liso, áspero), consistências (mole, duro, gelatinoso), massas (pesado, leve), calor (quente, frio, gelado), espaço (grosso, fino), tamanho (alto/baixo, grande/pequeno, largo/estrito) para que as crianças brinquem, oportunizando assim, a classificação aleatória dos diferentes objetos.

Crianças bem pequenas:



Planejar situações em que as crianças reconheçam o seu corpo e experimentem os diferentes sentidos através de: músicas que façam referência às partes do corpo, banho de mangueira, piscina, diferentes tipos de massagens.

Propor ações para que as crianças explorem o conceito de simetria no cotidiano, por meio da elaboração de dobraduras, costuras, construções, ampliando esse conceito para além de seu corpo.



Propor espaços na sala de referência e ambientes externos para que as crianças possam fazer a relação entre o espaço e seu próprio corpo, Por meio de:

- 1- brincadeiras em que as crianças percebam/reconheçam o espaço que as rodeia, proporcionando ações, tais como: visitas a outros espaços da instituição e fora dela, construções com diferentes materiais, tais como blocos de madeira, situações que envolvam percursos e labirintos, exploração de espaços seguindo coordenadas de localização, esconde-esconde, saltos em diferentes distâncias;

2- situações que auxiliem a percepção do espaço por meio do corpo e dos sentidos, possibilitando que as crianças experimentem diferentes sensações, limites e potencialidades, instigando a solução de problemas, como por exemplo: organização da construção de labirintos, espaços para se esconder etc.;



3- organização do espaço com elementos da natureza, que proporcionem a construção de diferentes ambientes, para as crianças brincarem sozinhas ou em grupo e que favoreçam a exploração com água, luz, sombra, vento, grama, areia, pedras, conchas;

4- organização do espaço com materiais tais como panos, cordas, caixas para que as crianças possam explorar o espaço, criando viagens imaginárias.

Propor atividades que envolvam memória visual, utilizando imagens diversas (fotografias de paisagens, pessoas, construções, cenas urbanas e rurais), organizar jogos com objetos escondidos e/ou com mudanças de posição e lugar para serem descobertos pelas crianças, colocar objetos em sequência e tirá-los do campo visual para a criança ter que colocar os objetos na ordem.

Organizar jogos de percurso que estabeleçam desafios corporais, possibilitando a elaboração de hipóteses, através da construção de pistas com diferentes alturas, com passagens estreitas, largas, altas e baixas, para a direita, esquerda, para cima e para baixo.





Oportunizar a observação, o diálogo e o registro sobre as mudanças ocorridas no dia a dia, tais como: climáticas, alimentação, organização do espaço, favorecendo a compreensão da correspondência, seriação, classificação, sequenciação.

Planejar situações em que as crianças explorem diversas possibilidades de leitura e registro de quantidades.

Organizar situações que envolvam canto e movimento, simultaneamente, e permitam a percepção rítmica.

Organizar situações que favoreçam a classificação de vários objetos, de acordo com o tamanho, cor, espessura, textura, aroma, consistências, massas, volumes, através de brincadeiras e da participação das crianças na organização do espaço.

Disponibilizar materiais diversos para que as crianças possam elaborar construções, tais como: castelos, pontes, robôs, torres, casas.

Disponibilizar instrumentos não convencionais de me-



didadas: barras, ripas, restos de madeira, barbantes, cordas, garrafas, caixas que favoreçam a construção de brincadeiras e brinquedos.

Disponibilizar instrumentos convencionais de medida (balanças, réguas, fitas métricas, copos de medidas, ampulhetas, relógios, calendários) para serem utilizadas nas brincadeiras das crianças, a exemplo de brincadeiras de faz de conta, onde as crianças possam ser engenheiros, carpinteiros, pedreiros ou cientistas.

Crianças pequenas:



Propor situações que auxiliem as crianças na percepção do próprio corpo e experimentem diferentes sensações por meio de ações como: brincadeira de cabra-cega, automassagem, massagem nos seus pares, banho de mangueira, brincadeiras para identificar diferentes sons, cheiros e sabores.

Ampliar as possibilidades de exploração do movimento, proporcionando ações que estimulem as crianças conhecer e desafiar seus limites, potencialidades, sinais vitais, integridade física, tais como, corda bamba, pé de lata, chinelão, perna de pau, tirolesa, subir em árvores, pular de diferentes alturas, corrida de saco.





Organizar, com as crianças, os espaços internos e externos que proporcionem brincadeiras para que estas brinquem sozinhas ou em grupo:

- 1- com objetos/materiais para que as crianças brinquem e façam relação com o tempo, com a quantidade, com o peso, com o tamanho, com a espessura, etc (relógio, balança, ampulhetas, peneiras de diversos tamanhos, funil, entre outros);
- 2- com elementos da natureza que favoreçam a exploração com água, luz, sombra, vento, grama, areia, terra, argila, conchas;
- 3- com materiais tais como panos, cordas, lenços, caixas para que as crianças possam explorar o espaço, criando viagens imaginárias.

Propor atividades que envolvam memória visual, utilizando jogos e brincadeiras: escondendo ou mudando a posição/lugar de objetos ou pessoas para serem descobertos pelas crianças, caça ao tesouro, “o que estava aqui”, “quem saiu”, jogos de memória.

Propor atividades que envolvam raciocínio lógico e percepção visual-motora: brincar de amarelinha, fazer sombras com as mãos, percorrer labirintos, pular corda, jogar com bola, boliche, tênis de mesa.

Registrar graficamente as situações vividas na unidade, através de desenho, recorte, colagem, modelagem.

Propor situações, com padrões estabelecidos pelas crianças, para que estas possam comparar, registrar e ela-



borar hipóteses que façam referência ao tempo (rotina, troca de profissionais, horário das refeições), às quantidades e volumes (canecas, garrafas, sacos com areia), as distancias e medidas (barbantes, pés, mãos, ripas), aos pesos e massas (frutas, brinquedos), as velocidades (corrida, queda de objetos de diferentes alturas).



Oportunizar situações e brincadeiras (construções de casas com diversos materiais, situações de compra e venda de faz de conta) em que as crianças utilizem unidades convencionais de medidas: de comprimento e distâncias (réguas, trenas, metros, fita métrica), pesos e massa (balanças) de tempo (relógios, ampulhetas) de quantidades e volumes (litros).



Propor situações que possibilitem às crianças, a exploração das noções de medida, de capacidade, de peso e massa a partir do uso de receitas e preparações.

Propor brincadeiras com arremesso de objetos, saltos, revezamentos, que suscitem a comparação de distancias, número de passos, velocidades.

Proporcionar situações para que as crianças desenhem em várias escalas, observar e comparar as diferenças proporcionais de cada elemento desse desenho.

Propor situações em que as crianças possam pensar sobre modos de coletar, organizar e analisar dados através de organização dos materiais e brinquedos, tais com: separar os brinquedos favoritos, organizar os objetos que são mais utilizados.

Propor situações em que as crianças construam a representação de dados numéricos, a partir de uma situação problema inicial, que gere a necessidade de investigação, elaboração de hipóteses, organização dos dados coletados e de sua interpretação. A elaboração de gráficos é uma das possibilidades dessa representação.

Possibilitar a percepção das estruturas rítmicas, acompanhando músicas utilizando objetos, instrumentos musicais, percussão corporal.



Propor ações para que as crianças explorem o conceito de simetria no cotidiano, por meio da elaboração de dobraduras, costuras, construções, ampliando esse conceito para além de seu corpo.

Ampliar o conceito de simetria, proporcionando a construção de objetos e brinquedos tridimensionais em que as crianças possam classificar, comparar, ordenar, entre outros.

Registrar, por meio de tabelas, gráficos, as mudanças ocorridas ao longo do ano, como: clima, cardápio das refeições da unidade, altura das crianças, tamanho dos calçados.

Proporcionar brincadeiras em que as crianças explorem as noções espaciais, de posicionamen-

to, de preenchimento e de localização, por meio de construções de maquetes, croquis, mapas, pontes, estradas, utilizando diferentes materiais, como: quebra-cabeças, tangram, toquinhos de madeira, caixinhas, palitos de picolé e de fósforo, jogos de montar.

Oportunizar situações diversificadas em que as crianças utilizem os números, envolvendo preços (embalagens, rótulos, etiquetas, dinheiro), idades, datas (calendários, validade dos alimentos), medidas (calçados), quantidades (rótulos, números de crianças da sala), pesos (embalagens, pesos das crianças da sala), localização (número das casas) nas quais elas tenham que contar e/ou fazer registro.



Referências Bibliográficas

ALBANO, Ana Angélica. A Arte como base Epistemológica para uma Pedagogia da Infância. In: Caderno Temático II - Educação Infantil - Construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo, Janeiro 2004.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A Experiência de Aprender na Educação Infantil. Salto Para O Futuro – Novas Diretrizes para A Educação Infantil** – Ano XXIII – Boletim 9. Texto 2 p.19- 28 – Junho 2013.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na Educação Infantil. In: **Revista Paulista de Educação Física**. Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. Vol. 15, supl.4, 2001, PP-53-60.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 20/2008 de Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009 - Câmara da Educação Básica. Brasília, 2009a.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009 - Câmara da Educação Básica. Brasília, 2009b.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e cultura lúdica**. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

CARVALHO, M. I. C. de; RUBIANO, M. R. B. (1996). Organização do espaço em instituições pré-escolares. In OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.). **Educação infantil: muitos olhares** (3ª ed.,). São Paulo: Cortez, p. 107-130.

CUNHA, Susana Rangel V. da. (Org.) **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2001.

FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, 2012.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil**. Florianópolis: SME: PRELO: 2010.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Programa Escola Aberta as Diferenças: consolidando o movimento de reorganização didática**. Florianópolis: SME/PRELO, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03**. Brasília. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005, p 39-62.

KUHLMANN JÚNIOR, M. Educação infantil e currículo. In: FARIA, A. L. G., PALHARES, M. S. (Org.). **Educação infantil após-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2000 (Polêmica do nosso tempo, 62).

MACHADO, Rosângela. **Educação Especial na Escola Inclusiva: políticas, paradigmas e práticas**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MELLO, S. A. **A criança como sujeito da educação desenvolvente: 10 desafios às práticas docentes de 0 a 6 anos**. 2013. Disponível em: <http://suelyegreice.wordpress.com/author/suelyegreice/> Acesso em: 24/09/2013.

PRESTES, Zoia. A brincadeira infantil na perspectiva histórico-cultural. In: ANDRADE, D.B.S.F.; Lopez, J.J.M (orgs). **Infâncias e Crianças: lugares em diálogos**. Cuiabá: Ed FMT, 2012.

ROCHA, Eloísa A. C. 2010. Diretrizes Educativas Pedagógicas para a Educação Infantil. In: FLORIANÓPOLIS/SME. **Diretrizes Educativas Pedagógicas para a Educação Infantil**. Florianópolis: Prelo Gráfica, 2010, p. 12-20.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2008.

SILVA JR., Hédio Silva Jr.; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de Carvalho. **Revista Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

SKLIAR, Carlos. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista de Gestão de Iniciativas Sociais (GIS), Rio de Janeiro, vol.11, 2008, p. 23-36.

_____. A pré-história da linguagem escrita. In: _____. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.